

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

RAPHAEL ROOSEWELT TOPAN GRION

**DÉCADA DE OURO OU DÉCADA
DO OURO? UMA BREVE ANÁLISE
SOBRE O LEGADO DA
INFRAESTRUTURA DOS JOGOS
PAN-AMERICANOS DE 2007, E
SUAS (COM) SEQUÊNCIAS PARA
2014 E 2016**

Campinas
2010

RAPHAEL ROOSEWELT TOPAN GRION

**DÉCADA DE OURO OU DÉCADA
DO OURO? UMA BREVE ANÁLISE
SOBRE O LEGADO DA
INFRAESTRUTURA DOS JOGOS
PAN-AMERICANOS DE 2007, E
SUAS (COM) SEQUÊNCIAS PARA
2014 E 2016**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Lino Castellani Filho

Campinas
2010.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

G885d

Grion, Raphael Roosevelt Topan.

Década de ouro ou década do ouro? uma breve análise sobre o legado da infraestrutura dos jogos pan-americanos de 2007, e suas (com) sequências para 2014 e 2016 / Raphael Roosevelt Topan Grion. -- Campinas, SP: [s.n], 2010.

Orientador: Lino Castellani Filho.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Esporte. 2. Eventos históricos. 3. Jogos Pan-americanos. 4. Jogos-Aspectos sociais-História. 5. Esporte-Organização e Administração. I. Castellani Filho, Lino. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

dilsa/fef

Título em inglês: Golden decade or decade of gold? A brief analysis about the legacy of the infrastructure of Pan-American Games of 2007 and the consequences for 2014 and 2016.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Sports; Events; Pan-american games; Games-Social aspects-History; Sport-Organization and Management.

Banca Examinadora: Lino Castellani Filho; Marcelo Weishaupt Proni.

Data da defesa: 29/06/2010.

RAPHAEL ROOSEWELT TOPAN GRION

**DÉCADA DE OURO OU DÉCADA DO OURO?
UMA BREVE ANÁLISE SOBRE O LEGADO DA
INFRAESTRUTURA DOS JOGOS PAN-
AMERICANOS DE 2007, E SUAS (COM)
SEQUÊNCIAS PARA 2014 E 2016**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Raphael Roosevelt Topan Grion e aprovado pela Comissão julgadora em: 29/06/2010.

Prof. Dr. Lino Castellani Filho
Orientador.

Prof. Dr. Marcelo Weishaupt Proni
Banca.

Campinas
2010.

Dedicatória

A todos que assim como eu sonharam que é possível...

Agradecimentos

Um dia meu pai me falou:

- “Pense no Universo... Agora, pense no nada... Conseguiu mensurar as duas coisas Rapha? Pois é, isto eu entendo por Deus. A entidade que está presente antes do nada e que arquitetou todo o Universo”.

Dedico meu trabalho em primeiro lugar a Deus, que foi meu amigo de horas incertas; a minha mãe e meu pai por me mostrar que todos somos humanos; ao meu irmão pela sua paciência sempre infinita; à minha irmã pelo carinho mesmo que distante; à minha avó querida, a quem dedico minha formatura e à mulher que ficou ao meu lado nas horas mais difíceis e que aturou minhas não raras crises de choro. Sem você “Morena”, teria sido bem mais cansativo...

E logicamente a todos os meus amigos de faculdade, da vida, de bandeijão, de escalada, de fotos e de festas. Agradeço em especial ao meu orientador e amigo por ter acreditado em minha capacidade e por sempre dizer o que precisava ouvir; aos meus alunos, em especial ao Dr. Carlos Augusto Sabino, pois “tudo na vida é movimento!”; aos funcionários de todas as bibliotecas do campus, destacando Dulce Augusto e Andréia Müller da FEF pela extensa revisão de meus manuscritos, ao meu companheiro de fotos Beeroth de Souza por um dia ter me dito para “seguir em frente” e à Unicamp, pela oportunidade de poder fazer parte de seu corpo discente, um sonho que hoje posso dizer realizado...

GRION, Raphael Roosevelt Topan. Década de ouro ou década do ouro? Uma breve análise sobre o legado da infraestrutura dos jogos pan-americanos de 2007, e suas (com) sequências para 2014 e 2016. 2010. 61f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

RESUMO

Década de ouro alude ao Plano Decenal de Esporte e Lazer, aprovado na III Conferência Nacional do Esporte, onde o tema foi “10 pontos em 10 anos para projetar o Brasil entre os 10 mais” que ratifica a necessidade de um Sistema Nacional de Esporte e Lazer lastreado em recursos que tornem sustentável um projeto de longo prazo. Também refere-se ao período compreendido entre 2007 e 2017, quando serão realizados três acontecimentos denominados megaeventos esportivos no Brasil. Fundamentou-se o trabalho pelas teses do historiador polonês Adam Schaff, tratando da reinterpretação dos fatos históricos no presente. Legado é entendido como o conjunto de bens materiais e imateriais que se conformam como permanências sócio-espaciais no tecido urbano decorrentes das ações empreendidas por conta da implementação de um megaevento. No caso, realizaram-se breves observações acerca do legado da infraestrutura da cidade carioca pela edição dos XV Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro de 2007. Por meio de pesquisa bibliográfica e documental, houve a tentativa de dar cabo das etapas envolvendo sua execução. Para que o leitor pudesse ter uma melhor compreensão sobre o tema, foram criadas bases acerca da característica mercadológica e ideológica, do esporte e do megaevento que atestariam sua realização. Justificou-se a observação através de três premissas: i) o Pan de 2007 foi de fato um acontecimento histórico importante, pois inseriu o país no *hall* de nações que albergam competições esportivas internacionais relevantes; ii) há o recuo suficiente para que informações relacionadas ao fato surjam, corroborando com sua importância; iii) o acontecimento foi tal, que influenciou nossa percepção acerca de megaeventos esportivos no Brasil. Houve a proposta de uma reflexão e uma especulação sensata, com a pretensão de estimular uma preocupação mais aprofundada sobre os megaeventos esportivos no Brasil, visto os problemas envolvendo a execução do Pan de 2007 e a proximidade da realização da Copa do Mundo de Futebol de campo em 2014 e dos Jogos Olímpicos de Verão em 2016. A leitura de documentos do Tribunal de Contas da União sugere que houve indícios de gestão antieconômicos; deficiência na fiscalização do contrato; excesso de alterações contratuais; inadequação do projeto básico; indícios de superfaturamento; não-parcelamento do objeto e subcontratação irregular em suas fases de execução. Conclui-se que embora tenha sido um importante acontecimento, pois prepara o país para sediar megaeventos esportivos de porte internacional e que houve uma herança deixada pelo Pan de 2007 no que diz respeito ao legado físico dos Jogos, sendo esta os complexos esportivos construídos e reformados para tal, o legado deixado ficou muito aquém do proposto na candidatura do Rio como sede deste megaevento. Obras importantes que atestariam a característica não-esportiva do legado, como no caso dos Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992 não foram realizadas.

Palavras-Chaves: Esporte, Eventos históricos, Jogos Pan-Americanos, Jogos-Aspectos sociais-História, Esporte-Organização e Administração.

GRION, Raphael Roosevelt Topan. Golden decade or decade of gold? A brief analysis about the legacy of the infrastructure of Pan-American Games of 2007 and the consequences for 2014 and 2016. 2010. 61f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

ABSTRACT

Golden decade refers to the Ten Year Plan for Sporting Goods, adopted at the Third National Conference of Sports, where the theme was "10 points from 10 years to project Brazil among the 10 most" that ratified the need for a National Sporting Leisure backed by resources that make a sustainable long-term project. Also refers to the period between 2007 and 2017, when three events will be made known sporting mega events in Brazil. Was based on the thesis work by the Polish historian Schaff Adam, dealing with the reinterpretation of historical facts in the present. Legacy is defined as a collection of tangible and intangible assets that conform to socio-spatial stays in the urban fabric resulting from actions taken on behalf of the implementation of a mega event. In case, there were brief remarks about the legacy infrastructure in the city of Rio de Janeiro by editing the XV Pan American Games in Rio de Janeiro, 2007. By means of literature and documentary, was trying to give out the steps involving implementation. For the reader could have a better understanding on the subject, were created on the bases and ideological feature marketing, sports and mega event that certified its completion. Was justified by the observation of three premises: i) the 2007 Pan was indeed an important historical event since the country entered the hall of nations hosting international sports competitions relevant ii) there is a juncture for related information fact arise, corroborating its importance, iii) the event was such, that influenced our perception of sports mega events in Brazil. There was a proposal for a sensible debate and speculation, with the intention of stimulating a deeper concern about the sports mega events in Brazil, given the problems surrounding the implementation of the 2007 Pan American Games and the upcoming completion of the World Cup Soccer field and the 2014 Summer Olympics in 2016. Reading the documents of the Court of Audit suggests that there was evidence of management uneconomic; deficiency in monitoring the contract, excess of contractual changes, inadequacy of basic design, signs of overpricing, non-splitting of the object and subcontracting irregular in their stages of implementation. We conclude that although it was an important event, because the country prepares to host sporting mega events of international scale and that there was a legacy of Pan 2007 in relation to the physical legacy of the Games, this being the sports complexes built and refurbished to this end, the legacy has fallen far short of the proposed candidacy of Rio to host this mega event. Important works that attest to feature non-sports legacy, as in the case of the Barcelona Olympics in 1992 were not realized.

Keywords: Sports, Events, Pan-American Games, Games-Social aspects-History, Sport-Organization and management.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

COI	Comitê Olímpico Internacional
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
CONFEF	Conselho Federal de Educação Física
CO-RIO	Comitê Gestor dos Jogos pan-americanos de 2007
FEF	Faculdade de Educação Física
FIFA	Fédération Internationale de Football Association
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
ME	Ministério do Esporte
ODEPA	Organização Desportiva Pan-americana
PAN de 2007	XV Jogos Pan-americanos de 2007
PAN2007	Comitê de Gestão das Ações Governamentais nos XV Jogos Pan-Americanos de 2007
SEPAN	Secretaria Especial dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007
TCU	Tribunal de Contas da União
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1 Uma breve reflexão.....	11
2 O espetáculo vai começar.....	13
3 O Pan. Sua gênese e.....	23
3.1 Gênese dos Jogos.....	23
3.2 Os Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro de 2007.....	23
3.3 Levantamento de informações a respeito da execução pan de 2007.....	25
4 Década de ou do ouro?.....	31
4.1 O legado da infraestrutura na cidade carioca.....	31
5 Considerações Finais.....	43
Referências.....	49
Anexos.....	54

1 UMA BREVE REFLEXÃO

Pois é, chego ao final de mais uma jornada. Uma viagem que me proporcionou aventuras, dissabores, e tudo o que uma grande jornada pode proporcionar a um ser humano. Mais uma de tantas outras nesta vida. O que posso dizer de tudo isto? Faria tudo de novo...

Começo este capítulo do meu diário de bordo com a sensação de que cumpri meu dever; embora um pouco tarde, tarefa executada! Mas, o momento não é de lamentações e sim, análises, citações e reflexões acerca de um tema em particular: Os Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro e o seu legado em infraestrutura para a cidade e para o país.

Um tema na cabeça, muitas xícaras de café pela madrugada e um forte desejo de entender as reais razões que levaram Município, Estado e União a encabeçar um megaevento esportivo que para muitos estudiosos do esporte não tem a devida expressão e relevância dentro do continente. Não estariam estes atores a procurar know-how para megaeventos esportivos no Brasil? Pois é, temos uma longa tarefa pela frente.

Ver as coisas por fora é fácil e vão, por dentro das coisas é que as coisas são... Estas palavras, ditas numa das primeiras aulas pelo Prof. Lino me fizeram refletir um bom tempo, a graduação inteira para ser mais franco, sobre a real aparência das coisas; afinal, se contentar com as informações que chegam aos nossos olhos e ouvidos parece ser mais fácil e menos doloroso.

“Por que meus olhos doem? pergunta Neo. Porque você nunca os usou, disse Morpheus”. (THE MATRIX, 1999).

Tento seguir as palavras ditas pelo oráculo em Matrix, o filme (THE MATRIX, 1999): “Há uma grande diferença entre saber o caminho e percorrer o caminho.”

Tenho um longo e sinuoso caminho a trilhar. Quem mandou ser amigo de “Σοφία¹”.

¹ (Σοφία = Sophia: Conhecimento, em grego).

2 O ESPETÁCULO VAI COMEÇAR...

Para fundamentar este trabalho que segue, utilizaremos as teses formuladas pelo historiador polonês Adam Schaff sobre a reinterpretação da história. Dizemos que o conhecimento histórico é um processo infinito devido à influência direta do homem, de modo que a reinterpretação dos fatos históricos, neste caso os Jogos Pan-americanos de 2007, se dá em função dos efeitos do passado emergindo no presente. Dizemos inclusive que toda construção histórica é seletiva e depende dos critérios de seleção: podemos inferir que a história é necessariamente escrita a partir do presente e através deste, além dos critérios selecionados e fornecidos pelo mesmo.

Quando a cultura de uma sociedade muda, as concepções dominantes na cultura desta sociedade mudam igualmente. Surgem então, novos olhares que servem para a apreensão, a apropriação e a coordenação dos dados; neste momento reescreve-se a história. Na história, estamos sempre frente a processos, transformações, podendo dizer que é quase impossível prever seus detalhes e acontecimentos históricos. Quanto mais distantes cronologicamente estivermos de um fato ocorrido, mais aprofundada será nossa percepção deste.

Aproximamo-nos nesta hora da tese de Popper apud Schaff (1974) dizendo ser a reinterpretação da história pelas gerações subseqüentes uma obrigação ditada por novas necessidades. E através da premissa que fundamenta o argumento que segue, julgamos necessário estabelecer uma ponte entre os Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro de 2007 – Pan de 2007, a Copa do Mundo de Futebol de Campo de 2014 – Copa de 2014 – e os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro de 2016 – Olimpíada de 2016 – sob o argumento de que: é na observação assídua e sistemática dos fatos ocorridos em 2007 que os erros cometidos pelo Comitê Organizador dos Jogos Pan-americanos – CO-RIO – poderão se transformar em referência para que futuras realizações de megaeventos esportivos no Brasil sejam efetivamente realizadas com seriedade e compromisso por parte de seus gestores.

Para entendermos os reais motivos de pleitear a execução de um megaevento esportivo de porte internacional no Brasil, devemos compreender também que o esporte pode ser encarado como meio de propagação de ideais e regimes totalitários. Seu caráter ideológico pode

servir aos interesses de Estado. Desta maneira, como prática social expressa em sua configuração às contradições próprias da sociedade onde se insere.

Pode-se compreender tal conceito pelo exemplo dos Jogos Olímpicos de Verão de Berlin em 1936 pela Alemanha nazista, quando pela primeira vez o esporte claramente torna-se peça fundamental para a promoção dos ideais do Estado. O ditador alemão Adolf Hitler utilizaria tal megaevento esportivo para tentar demonstrar a força de seu regime de governo, a recuperação da nação alemã e a pretensa supremacia da raça ariana, objetivos profundamente maculados pela vitória do ex-atleta negro e norte-americano Jesse Owens em diversas provas.

A suposta capacidade organizativa do povo alemão e a força do esporte como agente aglutinador e divulgador do sistema político à época foram compreendidas por diversos países, dentre os quais os Estados Unidos e a União Soviética, que montariam, no auge da Guerra Fria, grandes estruturas esportivas em meio a máquinas de guerra, utilizadas na divulgação dos bons resultados de seus regimes. Compreender o esporte através de tal olhar, requer a retirada completa das relações sociais nas práticas esportivas para se fazer conhecer suas entranhas. De acordo com Brohm apud Proni (2002, p. 52):

O esporte é uma ideologia a serviço do sistema [...] a instituição esportiva cumpre as seguintes funções: a) dissimular e encobrir as relações de produção, gerando uma falsa consciência das relações sociais; b) justificar e fazer uma apologia da situação social existente; c) ajudar a manter a ordem, por meio de um conjunto coerente de representações, valores e crenças, atuando no plano do imaginário; d) potencializar as forças produtivas e a reprodução do sistema de produção; e) estruturar e alimentar a visão de mundo cotidiano das massas.

Nesta mesma época, o esporte nacional também serviu aos interesses do Estado brasileiro, como o caso do movimento “Esporte Para Todos”, que ganhou corpo nos idos da década de 70, justamente em pleno desenvolvimento do chamado “milagre econômico” brasileiro (CASTELLANI FILHO, 2006). Portanto, é de se esperar que ao nos depararmos com megaeventos esportivos, devemos ter a noção que este não é simplesmente um simples conagraamento de atletas.

Mas, qual foi o momento histórico que possibilitou ao esporte e aos megaeventos esportivos seu surgimento e ascensão? Em 1896, quando o Barão de Coubertin e a cartolagem franco-britânica decidiram instituir os Jogos Olímpicos Modernos, pretendendo que fosse uma continuação da tradição grega, (ou quem sabe o substituto das exposições universais) o esporte já se tratava de algo completamente diferente do que se configurava no início.

O momento histórico era o da segunda Revolução Industrial (baseada na eletricidade e nos derivados do petróleo). Num mundo em que as máquinas – para a produção e/ou para a guerra – tornavam-se onipresentes em curtíssimo espaço de tempo, as práticas corporais, incluindo neste escopo o esporte moderno, eram o recurso por excelência para o condicionamento dos corpos às exigências desta nova sociedade.

Basta lembrar que o falecido atleta norte-americano Frederick Wistow Taylor foi ao mesmo tempo, criador dos primeiros manuais de treinamento científico para os esportes e inventor do processo das linhas de montagem para a produção industrial. Logo, é de se esperar que tal manifestação da cultura corporal do movimento fosse o que podemos apelidar de “filho querido” do sistema econômico vigente.

Como conhecemos hoje, o esporte teve formas embrionárias e empíricas no período anterior a 1914, mas teve um desenvolvimento exponencial estimulado pela Primeira e Segunda Guerra Mundial, até se tornar a principal arena simbólica do confronto entre norte-americanos e o bloco soviético durante a Guerra Fria.

Para compreendermos o motivo que leva o Estado e empresas privadas a utilizar cada vez mais o esporte e seus subprodutos como meios de obtenção de lucro, devemos destacá-lo enquanto elemento da cultura que assume caráter de mercadoria, pois segundo Bracht (2002, p. 196):

A mercadorização do esporte significa a extensão da lógica da mercadoria para o âmbito das práticas corporais (de lazer), tanto no sentido do consumo de prestação de serviços (serviços e equipamentos) quanto na produção e no consumo do espetáculo esportivo e de seus subprodutos. Normalmente se discute ou se entende que a mercadorização do esporte acontece apenas no plano do esporte-espetáculo, como aprofundamento do esporte profissional com seu acoplamento ao sistema dos meios de comunicação de massa. É claro que o esporte é hoje um segmento, dos mais significativos, da economia mundial (as cifras que o negócio do esporte movimenta são realmente significativas). Mas esse é apenas o lado mais evidente do processo; gostaria de chamar a atenção para a mercadorização no âmbito da prática do esporte enquanto atividade de lazer, tomando este termo aqui no seu sentido sociológico.

Ao longo do século passado, a massificação dos hábitos esportivos e a conformação de uma cultura de massa levaram à expansão do consumo de um número cada vez maior de artefatos, equipamentos e serviços relacionados à prática esportiva, assim como transformaram os principais eventos esportivos em espetáculos altamente veiculados pelas mais diferentes mídias.

É importante ressaltar que segundo Proni apud Sousa e Pelegrini (2008, p. 1):

O esporte na sociedade capitalista assumiu um caráter ideológico e interesseiro na busca do rendimento financeiro pautado, entre outros aspectos, no consumo de roupas esportivas, na criação de complexos multinacionais esportivos e na exploração da imagem televisiva. Esses complexos patrocinam eventos esportivos com a intenção de elevar suas vendas e expandir seu capital, levando ao público consumidor o fetichismo da marca. A comercialização do espetáculo esportivo comprova que o objetivo do esporte de competição é o lucro, porque os organizadores e promotores se interessam, sobretudo pela rentabilidade econômica.

Como podemos constatar, a associação entre esporte e *mídia* mudara abruptamente suas práticas e a percepção que dele temos. Sob o viés do esporte espetáculo, os meios de comunicação de massa como a televisão fragmentaram e descontextualizaram o fenômeno esportivo, construindo uma realidade textual autônoma: o “esporte telespetáculo”. (BETTI, 1997, p. 37).

O esporte², portanto, tal como conhecemos, é uma criação específica do mundo moderno. Como objeto de inúmeras pesquisas e investimentos de cifras cada vez maiores, abandonou rapidamente no século XX o empirismo para configurar-se num amplo sistema de conhecimentos de característica teórica, aplicada, humanista, científica natural e política.

Ele também é base de comportamentos sociais, dita uma série de representações sobre o corpo e estabelece parâmetros de *performance* física, o que é extremamente sério visto que é nele que se configuram as práticas de alto rendimento e desempenho humanos, e ao realizar comparações entre indivíduos fisicamente ativos e atletas de alto nível, corre-se o risco de utilizar parâmetros discrepantes de avaliação.

Mas afinal, qual a relevância deste trabalho? Será que é tão importante realizar tantas observações sobre os componentes deste acontecimento histórico e fundamentar tantas coisas para entendermos a importância do Pan de 2007? Quais são os reais fatores que levaram a realização deste megaevento esportivo no Brasil?

Bem, temos como ponto de partida uma premissa: o Pan de 2007 foi importante para o cenário esportivo nacional. Responderemos então aos leitores com as seguintes afirmações: Em primeiro lugar, o Pan de 2007 foi de fato um acontecimento histórico verdadeiramente importante, pois insere o país no *hall* de nações que albergam competições esportivas internacionais relevantes. E a escolha do Rio de Janeiro como sede das Olimpíadas de 2016 só foi possível graças à realização do Pan de 2007.

² Contração do termo *leave the port*, ou aquilo que os marinheiros ingleses faziam fora dos portos (TUBINO, 2007).

Podemos entender o termo relevante sob o olhar mercadológico, pois megaeventos esportivos geram retorno aos seus investidores. E como no sistema econômico atual, há sempre o reforço do que dá lucro...

Em segundo lugar, há em relação a ele o recuo suficiente para evitar a alteração da percepção dos fatos pelas paixões, em outras palavras, há o distanciamento suficiente para que informações relacionadas ao fato surjam, corroborando com sua importância. Em terceiro lugar, o acontecimento foi tal, que influenciou nossa percepção acerca de megaeventos esportivos no Brasil. Recorremos neste momento às palavras de Adam Schaff (1990, p. 49) para corroborar estas indagações:

Pode-se produzir uma nova divisão entre as pessoas, a saber: as que têm algo que é socialmente importante e as que não têm. Este algo, no caso, é a informação no sentido mais amplo do termo que, em certas condições, pode substituir a propriedade dos meios de produção como fator discriminante da nova divisão social, uma divisão semelhante, mas não idêntica à atual divisão de classes [...] Atualmente podemos observar uma divisão clara – algo parecido com a incultura das massas e a cultura de um número ainda reduzido de pessoas iniciadas na ciência dos computadores [...] Quando falamos de sociedade informática referimo-nos a uma sociedade em que todas as esferas da vida pública estarão cobertas por processos informatizados e por algum tipo de inteligência artificial.

Nas palavras de Adam Schaff (1990), a presente monografia se ocupa de futurologia sócio-política, mas trata de um futuro não muito distante por pensar inclusive nos próximos megaeventos esportivos que sucederão este Pan de 2007³. Tal visão do futuro é arriscada, pois, todas as teses que se formularem poderão rapidamente ser verificadas. Mas este restrito período de referência permite evitar as armadilhas da futurologia especulativa e exigir uma justificação concreta de nossa visão de futuro. Isto, em compensação, facilitará ao leitor não apenas a compreensão, mas a verificação do nosso raciocínio.

Há o propósito, mesmo que tímido, de uma reflexão e uma especulação sensata, com a pretensão de estimular uma preocupação mais aprofundada à questão dos megaeventos esportivos no Brasil, e fazer com que os estudiosos e aqueles com uma visão mais concreta acerca deste tema tenham uma idéia melhor do tipo de megaevento que se espera acontecer nesta década que se inicia.

Entretanto, o conceito de legado é algo complexo. De acordo com Raeder (2008, p. 206) o conceito de legado é entendido como:

³ Copa do mundo de Futebol de Campo em 2014 e os Jogos Olímpicos de Verão em 2016.

[...] o conjunto de bens materiais e imateriais, que se conformam como permanências sócio-espaciais no tecido urbano decorrentes das ações empreendidas por conta da implementação de um megaevento.

São considerados bens materiais que constituem o legado: as instalações esportivas, as estruturas de transporte, a vila dos atletas, e tanto os demais elementos (de lazer, de turismo, de comunicação, de segurança etc.) que tenham sido incorporados à paisagem da cidade sede, como os recursos financeiros auferidos com o aumento da circulação de capital ocorrido a partir do encerramento do evento.

Por bens imateriais deve-se considerar: a capacitação técnica dos profissionais envolvidos na organização do evento, o estímulo à prática esportiva, a produção de conhecimentos associados direta ou indiretamente à implementação do evento, as mudanças na imagem urbana a partir da publicidade realizada (capital simbólico), as alterações na percepção dos cidadãos sobre a própria cidade, o fortalecimento de redes da sociedade civil, a conformação de identidades territoriais etc. (RAEDER, 2007 apud RAEDER, 2008 p. 206).

Como dissemos anteriormente, um dos efeitos em sediar um megaevento esportivo da magnitude do Pan de 2007 é o legado deixado por tal evento. Entretanto, fazer avaliações sobre os efeitos de megaeventos esportivos como este é um assunto complexo. Os impactos econômicos e sociais, os custos e os benefícios para as cidades sede ou região não são fáceis de estimar. A evidência, com base na experiência de cidades que em décadas recentes foram sedes de megaeventos esportivos, sugere que tende a serem exageradas as afirmações positivas para sediar o evento, manifestadas com frequência durante a própria disputa.

Por essa razão, é bem razoável indagar quais serão os vencedores e os perdedores. Uma das grandes virtudes de um megaevento esportivo é o de criar um ambiente favorável à aceleração de projetos de desenvolvimento social e de regeneração urbana sob condições políticas, econômicas e sociais extremamente favoráveis (POYNTER, 2006, p.05).

De acordo com Preuss⁴ apud Poynter⁵ (2006, p. 13-14), em um estudo do *London East Research Institute*, de março de 2006:

O 'conceito de legado' decorrente de importantes megaeventos esportivos está agora firmemente focado em resultados não-esportivos como importante fonte de legitimidade para receber os Jogos [...] as cidades proponentes têm aliado suas propostas a estratégias de desenvolvimento econômico e regeneração que tendem refletir a natureza

⁴ Holger Preuss, professor da Universidade de Mainz, Alemanha, é uma das maiores autoridades do mundo em estudos sobre megaeventos e legado esportivo.

⁵ O artigo foi traduzido no Brasil no contexto de preparação para o Seminário sobre Megaeventos e Legados, realizado no Rio de Janeiro, em maio de 2008. Texto integral consultado em: <http://www.confef.org.br/arquivos/texto_introducao_seminario_megaeventos.pdf>.

relativamente dinâmica de suas economias regionais e nacionais (Seul, Beijing) ou a relativa falta de dinamismo de suas economias (Barcelona, Atlanta, Sydney, Atenas e Londres). Este último grupo composto na maioria por cidades “ocidentais” que utilizaram a candidatura como uma tentativa de ‘catalisar’ a regeneração local através da expansão de serviços com base em indústrias voltadas ao consumo [...] desde os Jogos Olímpicos de 1992 em Barcelona, as cidades têm usado os Jogos como catalisadores de regeneração e confiado fortemente em diferentes formas de intervenções estatais para se promoverem como cidades globais.

Neste contexto, os Jogos Olímpicos de Barcelona de 1992⁶ merecem uma breve consideração para entendermos o que podíamos esperar de legado para o Pan de 2007. A indicação de Barcelona para sediar os Jogos foi precedida pela criação de um plano de desenvolvimento urbano. O sucesso da candidatura forneceu o efeito catalisador para a implementação do plano com vários resultados significativos.

Em primeiro lugar, os espaços urbanos de Barcelona tornaram-se mais diferenciados, com áreas econômicas mais definidas para condução de negócios e atividades comerciais, particularmente atividades associadas ao influxo de “novas” indústrias de serviços. No período de 1988-91 mais de 600.000 metros quadrados de espaços de escritórios foram construídos (um crescimento de 21% sobre total existente), posicionando Barcelona à frente de Bruxelas e Madrid em termos de taxa de crescimento na construção de escritórios.

Em segundo lugar, a criação de um anel viário em torno da cidade – Dalt e Litoral – modificou dramaticamente o modelo de circulação de veículos e ainda contribuiu para a diferenciação dos espaços urbanos da cidade.

Em terceiro lugar, Barcelona experimentou um boom de desenvolvimento habitacional entre 1986 e 1990, com o valor das moradias elevando-se acima de 280% para novas propriedades durante aquele período e de 240% para as moradias já existentes. Contudo, o boom também serviu para reforçar divisões sociais entre as áreas mais ricas e as mais pobres, mas isto terminou um tanto abruptamente após 1992, quando as habitações da vila Olímpica ingressaram no mercado.

Finalmente, em relação ao emprego, o efeito dos Jogos Olímpicos, particularmente através da geração de novos postos de trabalho no setor de serviços, foi calculado adicionando-se 20.000 postos de trabalho permanentes ou empregos não-Olímpicos na economia

⁶ Merece destaque o livro de MORAGAS; BOTELLA: *Las claves del éxito: impactos sociales, deportivos, económicos y comunicativos de Barcelona 92*, publicado pelo Centro de Estudios Olímpicos da Universidad Autónoma de Barcelona em 1996, e que trata de forma aprofundada sobre o case de 92. Neste mesmo livro SERRA discorre sobre questões de ordem urbanística dos jogos de 92 (p. 232-249).

de Barcelona (BRUNET apud POYNTER, 2006, p. 26). Esses amplos efeitos secundários fizeram de Barcelona um importante ponto de referência, particularmente para cidades “ocidentais” que pleiteiam sediar os Jogos no século XXI.

Para Barcelona, a candidatura olímpica relacionou-se a um plano de desenvolvimento urbano. O impacto catalisador da candidatura ensejou uma oportunidade da cidade atrair consideráveis níveis de investimentos tanto públicos quanto privados, e estabelecer novos setores industriais, de serviços e usar sua localização geográfica como ponte entre o norte e o sul da Europa, precisamente no momento do lançamento da União Européia em 1992.

Difícilmente os Jogos de Barcelona serão conhecidos como os jogos da tecnologia, apesar de ter superado os níveis de qualidade e complexidade de todas as edições anteriores. Tampouco serão recordados como os Jogos do êxito empresarial, apesar de que sua gestão econômica foi notadamente mais brilhante que Los Angeles, nem tampouco terão uma significação política destacada não obstante que coincidiram com a mudança histórica dos países do Leste Europeu e que foram os mais universais da história (SERRA, 1996, p. 233).

Como pudemos ler, dada a magnitude do conceito de legado, que extrapola em muito o trabalho proposto – afinal trata-se de uma monografia de conclusão de curso – o presente trabalho tentará dar cabo sobre o legado na infraestrutura dos Jogos Pan-americanos de 2007 ocorridos na cidade do Rio de Janeiro.

Ao construir este texto monográfico buscamos estabelecer uma ponte entre este acontecimento histórico e os próximos dois importantes megaeventos que serão realizados (se tudo ocorrer bem até lá) em 2014 e 2016; afinal podemos dizer que a questão chave deste trabalho é a análise das alterações na infraestrutura da cidade carioca por conta do Pan de 2007. Tratar deste tema é fundamental para emergir uma série de informações relevantes sobre um megaevento esportivo de proporções internacionais no território nacional, dada sua importância econômica para o município e para o País, pois os últimos ocorridos no Brasil datam de 1950 – Copa do Mundo de Futebol de Campo, realizada na cidade do Rio de Janeiro e 1963 – Jogos Pan-americanos de São Paulo.

Como tema de grande relevância para o esporte nacional, e para a Educação Física inclusive (visto que esta se configura a partir das manifestações da cultura corporal de movimento, sendo este o seu objeto de estudo) foi amplamente veiculado nos meios de comunicação em massa. Entretanto, suas informações se encharcaram de um exagero típico do senso comum.

Ao garimparmos informações oriundas de uma reflexão mais cautelosa sobre o que de fato aconteceu durante as fases que compuseram o Pan de 2007, chegou-se a um dado interessante: não são encontrados trabalhos referentes aos Jogos que tratam de entender o conceito de legado de um megaevento esportivo nem tampouco são observadas atualmente, pesquisas tratando do legado da infraestrutura deixada pelo Pan de 2007 na Faculdade de Educação Física da Unicamp e pensamos ser então, a oportunidade para darmos seqüência a tal tema.

Ao realizarmos um recorte acerca deste tema a partir da coleta de dados nas mais diferentes bases de dados e bibliotecas alocadas no ciberespaço e na Unicamp, pretendemos propor uma reflexão sensata acerca dos problemas envolvendo a execução de megaeventos esportivos, como forma de denunciar ou simplesmente discorrer, mesmo que minimamente sobre este tema em particular, e fornecer subsídios para futuras pesquisas envolvendo o tema.

Com base em estudos qualitativos, desenvolveu-se pesquisa documental e bibliográfica realizada em duas dimensões: num primeiro plano, houve a preocupação de emergir informações que fogem aos olhos e que podem responder a pergunta: por que o Pan do Rio tornou-se o Pan do Brasil?

Num segundo momento, foram sondados dados que nos levam a refletir: por que investir somas cada vez maiores em espaços destinados às práticas esportivas de alto rendimento, sendo que as inovações tecnológicas no campo do esporte fazem com que estas instalações percam rapidamente seu caráter moderno? O que foi efetivamente feito em prol da execução deste megaevento, e o que foi apenas promessa dita no calor dos discursos?

Para justificar o fato de que muitas informações neste trabalho foram obtidas por intermédio da rede mundial de computadores – *world wide web* – podemos dizer que, estudar e compreender o que dizem como dizem e o real sentido daquilo que veiculam os discursos midiáticos sobre as diferentes manifestações do esporte não é tarefa fácil.

Exige, sobremaneira, um distanciamento dos fatos históricos e um poder de interpretação e análise crítica da realidade; características essas, às vezes, difíceis de serem alcançadas, pelo fato de estarmos mergulhados, mesmo em diferentes níveis, na sociedade informática, na qual os meios de comunicação de massa detêm a centralidade e homogeneização da informação⁷.

⁷ Ver: Schaff, Adam. A Sociedade Informática. As conseqüências sociais da segunda Revolução Industrial.

E o que pode causar preocupação ao leitor neste momento é uma suposta secundarização de determinados temas que são relevantes para a compreensão deste trabalho; porém, devemos dizer que os fatos não podem ser considerados fora de um contexto social, político e econômico, pois de acordo com Raeder (2008, p. 204):

A construção de uma imagem de cidade não tem uma importância menor dentro das estratégias competitivas, é sim um meio muito utilizado para a conquista de novos investidores. Considerar a dimensão simbólica que os Jogos apresentam é fundamental para entender a acirrada competição entre cidades de um mesmo país, e de países diferentes, para sediar os Jogos. Trata-se de uma oportunidade muito rara de veicular a imagem da Cidade em escala global numa perspectiva muito favorável, uma vez que a imagem está associada ao maior evento esportivo do mundo - no caso dos Jogos Olímpicos, e maior evento esportivo das Américas, no caso dos Jogos Pan-americanos.

O Pan de 2007 apresentou investimentos eminentemente públicos e privados que foram calculados em bilhões de dólares. Parte destes recursos financeiros foi utilizada apenas para a realização do espetáculo esportivo em si. Sem embargo, outra parte significativa do bolo orçamentário foi utilizada na construção de equipamentos e estruturas que conformam o tecido urbano (RAEDER, 2008).

E atualmente é muito freqüente a preocupação das cidades sedes de megaeventos esportivos com o planejamento dos legados. São cada vez mais vultosos os recursos gastos nestes eventos e a legitimidade destes investimentos, em grande parte públicos, depende de certo consenso para que as contestações não paralitem a promoção dos Jogos. A conquista deste consenso pode passar então pela aplicação de recursos em áreas que apresentam maior urgência nas intervenções, sendo o evento uma oportunidade para a reestruturação urbana (RAEDER, 2008).

Portanto a redação deste presente monografia leva em consideração todos os fatos expostos acima, pois acreditamos que os impactos na infraestrutura de uma cidade podem nos auxiliar a responder todas estas questões. Sem as devidas construções, adaptações e instalações esportivas adequadas às práticas de alto nível esportivo, aliados aos impactos no sistema de transportes e na economia local, juntamente às boas práticas de gestão dos recursos envolvidos e de transferência de tecnologia, os megaeventos esportivos que o Brasil sediará não poderão ser realizados.

3 O PAN: SUA GÊNESE E...

3.1 Gênese dos Jogos

Os Jogos Pan-americanos, megaevento esportivo é baseado nos Jogos Olímpicos da Era Moderna, são organizados pela Organização Desportiva Pan-americana ODEPA. Tem formato similar às Olimpíadas modernas, nos quais participam como o próprio nome diz os países do continente americano.

Após as Olimpíadas de 1932, inspirados pela realização dos Jogos Centro-americanos e do Caribe, membros latino-americanos do COI propuseram uma espécie de competição regional entre as Américas, com o intuito de desenvolver o esporte no continente. A idéia acabou por concretizar o I Congresso Esportivo Pan-americano em 1940, no qual ficara definido que os primeiros Jogos Pan-americanos seriam realizados na capital argentina, dois anos mais tarde. Em virtude do ataque japonês a *Pearl Harbour* (Havaí-EUA), em dezembro de 1941, e da entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, que durou de 1939 até 1945, os mesmos não puderam ser disputados.

Encerrados os conflitos, após as Olimpíadas de 1948, um novo congresso confirmaria *Buenos Aires* como a primeira sede dos jogos, que foram realizados em 1951. Esta edição teve sua abertura em 25 de fevereiro e contou com a participação de 2513 atletas advindos de 21 países, que disputaram provas em dezoito esportes. Nos jogos Pan-americanos, disputam-se modalidades esportivas incluídas no programa olímpico e outros não disputados em Olimpíadas. Acontecem a cada quatro anos e, tradicionalmente, seguem um rodízio entre as três regiões do continente: América do Sul, Central e do Norte.

3.2 Os Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro de 2007

Pensar e dizer que o Brasil seria um país anfitrião de megaeventos esportivos internacionais até poucos anos atrás era algo comparado a uma soberba digna de repreensão

coletiva. Afinal de contas, temos problemas mais importantes e urgentes a solucionar, diria a numerosa e desconhecida população brasileira. O fato que nos é colocado é exatamente o oposto:

Seremos dentro em breve o país sede da Copa do Mundo de 2014⁸ e dos Jogos Olímpicos de 2016. E o que aprendemos efetivamente com o Pan de 2007? Seu legado eleva o país à categoria de anfitrião de megaeventos esportivos? O país a partir deste episódio se consolida como consultor nesta matéria? E quem gerirá todo o conhecimento gerado pela sua execução? Será que o sonho dos amantes do esporte nacional em ver seu país ser sede de um importante megaevento esportivo foi simplesmente mais uma forma de utilizar o esporte nacional como moeda de troca de empresas e personalidades políticas⁹?

É de se esperar que tudo o que fora construído seja de fato, posto ao uso coletivo. E como no Brasil há uma cultura científica dentro das universidades públicas, a lógica é que dentro em breve toda obtenção da *expertise* referente ao Pan de 2007 seja posto ao uso de nossos pesquisadores e técnicos, e que todas as obras de infraestrutura e uma centena de alterações físicas para melhoria da mobilidade urbana, sem falar no impacto financeiro e econômico deste evento sejam realmente revertidas em prol da população, que foi financiadora de boa parcela deste acontecimento. Afinal, dela saíram partes significativas dos recursos financeiros destinados ao pan de 2007.

Em especial, uma dúvida: os atletas brasileiros que necessitam cada vez mais de espaços de treinamento de nível internacional estariam a partir de agora servidos do que haveria de mais moderno em locações para treinamentos e competições de alto nível? As federações possuem recursos financeiros para bancar viagens ao Rio de Janeiro sempre que necessário?

Nas palavras de Adam Schaff (1974) o fato histórico nos revela mais detalhes quando o tempo nos permite examinar com mais clareza seus dados, e discorrer (abro parênteses aqui para referendar minha miserável capacidade de síntese da realidade com a pouca idade que tenho) sobre o que foi o Pan de 2007 por meio de dados obtidos por pesquisa bibliográfica e documental é o que está mais próximo de nossas mãos. Teremos por hora, informações acerca de dados históricos sobre os Jogos no que se refere a sua execução.

⁸Copa do Mundo: Segundo EID apud FIESP, realizou-se um amplo estudo para mapear a condição e as necessidades infraestruturais das 18 cidades brasileiras candidatas a receber jogos na Copa de 2014. O estudo leva em conta nove frentes e recomenda que o País invista R\$ 34 bilhões entre portos, aeroportos, mobilidade urbana, energia elétrica, saneamento básico, telecomunicações, saúde, segurança pública e hotelaria. Segundo Godoy, somente para atender às exigências da Copa do Mundo, são necessários mais 304 novos projetos. "Este nosso estudo está servindo de base para o 'PAC da Copa', o movimento federal, junto com os estados, para ordenar os investimentos nas áreas necessárias", afirmou.

⁹ Ler anexo 2.

3.3 Levantamento de informações a respeito da execução do Pan de 2007

A cidade do Rio de Janeiro sediou entre 12 de Julho de 2007 e 29 de Julho de 2007 os XV Jogos Pan-americanos, o maior megaevento esportivo no Brasil desde a Copa do Mundo de Futebol de Campo em 1950, realizada na cidade do Rio de Janeiro e os Jogos Pan-americanos da cidade de São Paulo em 1963. A realização do Pan de 2007 foi primordialmente norteada pela premissa do legado que o megaevento garantiria ao Rio, ao Brasil e quiçá, ao continente.

O Pan de 2007 recebeu grande atenção do governo federal. Aproximadamente 50% dos custos de obras e dos investimentos envolvidos no Pan de 2007 foram custeados pelo governo brasileiro. Ao todo, 16 ministérios, além da Presidência da República e empresas estatais foram mobilizados na elaboração de ações e medidas que tinham como meta, deixar um marco na história do país. Com a incumbência de responder pelas ações federais em torno do evento, o Ministério do Esporte coordenou a Secretaria Especial dos Jogos Pan-americanos Rio 2007 (Sepan), e o Comitê de Gestão das Ações Governamentais nos XV Jogos Pan-Americanos de 2007 - PAN2007 criado pelo Decreto Presidencial não numerado de 18 de Julho de 2003¹⁰:

Art. 1º Fica criado o Comitê de Gestão das Ações Governamentais nos XV Jogos Pan-Americanos de 2007 - PAN2007, com o objetivo de promover a implementação das medidas necessárias à garantia da coordenação da atuação governamental no cumprimento dos compromissos assumidos pelo Governo brasileiro para a realização do evento. [...] Art. 3º Ao Comitê PAN2007 compete: [...] VII - criar e manter base de dados sobre a ação governamental no evento, dando transparência desta atuação à sociedade, por meio de sua divulgação e publicidade; e VIII - adotar as medidas necessárias ao cumprimento das obrigações assumidas pelo Governo brasileiro, em função do Acordo de Responsabilidades e Obrigações para a Organização dos XV Jogos Pan-Americanos de 2007, assinado com a Organização Desportiva Pan-Americana - ODEPA, o Comitê Olímpico Brasileiro - COB e a Prefeitura Municipal da Cidade do Rio de Janeiro, local onde se realizará o evento.

A Secretaria atuou também como interlocutora entre o executivo federal e o Comitê Organizador dos Jogos (CO-RIO) e as demais esferas de governo envolvidas na organização do evento, como o Estado do Rio de Janeiro e a Prefeitura do Rio de Janeiro.

¹⁰ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/DNN/2003/Dnn9935.htm>

Foram esperados mais de 5.000 atletas e 60.000 turistas. Segundo o CO-RIO foram vendidos mais que 1,3 milhões de ingressos. O Pan de 2007 teve especial importância para o Brasil.¹¹ Serviu de teste, pois neste momento o país era candidato à Copa do Mundo de 2014 e às Olimpíadas de 2016, dentre outras questões de natureza geopolítica. A realização dos jogos provocou muita discussão, expectativas e críticas na sociedade brasileira.

A segurança dos participantes e expectadores do Pan de 2007 foi uma das principais preocupações dos organizadores. O Rio de Janeiro possuía e ainda possui, como toda metrópole que se preza, graves problemas de segurança pública. Muitos indivíduos se perguntavam se a cidade seria capaz de garantir segurança aos atletas e turistas durante os jogos. Outra questão importante era o sistema de transporte público e o trânsito: com engarrafamentos freqüentes, estradas que deixam a desejar e transporte público insuficiente para o dia-a-dia dos cidadãos cariocas, como garantir mobilidade urbana numa situação especial como esta?

Vários dos novos estádios e ginásios dos Jogos Pan-Americanos não estavam conectados a rede de transporte público. Por isso, foi proposta uma ampliação da rede de metrô no projeto de candidatura da cidade. Mas, o projeto não foi realizado. O orçamento dos jogos gerou uma grande discussão, porque se mostrou insuficiente. O gasto real com o megaevento superou em muito o orçamento inicial apresentado.

O evento, antes vendido como o Pan do Rio, começou a ser veiculado como Pan do Brasil, pois nesta hora as grandes redes de televisão, detentoras dos direitos de transmissão dos jogos viam prejuízo certo. Muitos cidadãos do Rio de Janeiro se questionavam se era justificável investir R\$ 1,3 milhões num evento de duas semanas, enquanto a sociedade carioca sofria de graves problemas em áreas como, por exemplo, educação, sistema de saúde e saneamento básico.

¹¹ Supostos impactos econômicos e financeiros dos próximos megaeventos esportivos.

Levantamento realizado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) diz que os investimentos nos dois próximos megaeventos esportivos orientarão o desenvolvimento econômico do Brasil na próxima década. A Copa do Mundo de 2014 deverá injetar pelo menos 155 bilhões de Reais na economia brasileira, do período de preparação até a realização dos jogos em 2014. Serão mais de três milhões de empregos gerados, sendo que aproximadamente um milhão dessas vagas deverão ser criadas no setor de serviços, movimentando em média 32 bilhões entre 2009 e 2014.

Para os Jogos Olímpicos de 2016 os investimentos serão da ordem de aproximadamente 28 bilhões de reais. Diversos setores da economia brasileira, entre eles o turismo, transporte e construção civil receberão estímulos financeiros e terão papel fundamental. Para cada U\$1,00 investido pelo poder público, outros U\$3,26 serão gerados. Isso significa que até 2027 o Brasil receberá 97% do que investiu nos eventos.

Surgiram comparações entre os custos de obras, como o Estádio Olímpico João Havelange - Engenheiro, e os investimentos em programas sociais, como por exemplo, a urbanização de favelas na cidade do Rio de Janeiro.

Neste meio tempo, atletas iniciaram manifestações criticando as condições de treino, que eles enfrentavam independentemente do megaevento ser sediado no país. Muitos reclamaram da falta de verbas e da infraestrutura nos seus clubes e federações. Do outro lado, os membros do CO-RIO destacavam que o evento ocorreria muito bem e sem incidentes graves. Não haveria atos preocupantes de violência ou criminalidade, nem colapso no trânsito. A segurança seria mantida durante todo o megaevento.

Desde a candidatura do Rio de Janeiro foi frisado o legado que o evento deixaria para a cidade em termos de instalações esportivas modernas, que poderiam abrigar uma Olimpíada ou Copa do Mundo, e novos equipamentos esportivos como o CO-RIO ([2007?], p. 217) frisa a seguir:

Do outro lado da cidade, no bairro do Engenho de Dentro, o Estádio Olímpico João Havelange surgiu para oferecer à cidade o que há de mais moderno em recursos voltados às competições de Atletismo, somados às vantagens de uma novíssima arena para Futebol com capacidade para receber, com conforto, 45 mil espectadores (número este que pode aumentar, com uma reforma já prevista no projeto original). O Engenheiro, como ficou conhecido o estádio, é um dos mais notáveis símbolos dos Jogos e exemplo de legado. No final de 2007, foi eleito, pela prestigiada revista Sport business International, como um dos 10 melhores novos estádios do mundo. Mas sua importância não se restringe aos benefícios já garantidos ao esporte [...] As instalações esportivas especialmente reformadas e/ou construídas para os XV Jogos Pan-americanos integram a parte mais significativa do legado físico do evento. São equipamentos de alta qualidade e funcionalidade, que atendem as mais rigorosas determinações das Federações Internacionais de esporte. O complexo 'Cidade dos Esportes' abriga o Velódromo, o Parque Aquático Maria Lenk e a Arena Olímpica do Rio. Graças à sua instalação, foi possível iniciar um amplo processo de revitalização de boa parte da área do Autódromo de Jacarepaguá e de seu entorno, na Barra da Tijuca [...].

Da mesma forma, foi realizada também uma ampla reforma no Estádio do Maracanã e adjacências, importante legado deixado pela Copa de 1950 (CO-RIO, [2007?], p. 217):

Numa área central, o Complexo Maracanã restaurou a glória de suas instalações através do Rio 2007. O mítico estádio de futebol, um ícone do Brasil, manteve-se imponente ao longo dos anos, mas instalações como o ginásio do Maracanãzinho e o Parque Aquático Júlio de Lamare perderam espaço com o passar das décadas. Por ocasião dos XV Jogos Pan-americanos Rio 2007, todo o complexo passou por uma ampla reforma. O estádio de futebol ganhou novos placares, acessos e iluminação. O ginásio, completamente remodelado, é hoje uma das instalações mais modernas do Brasil. O Parque Aquático, ao se adaptar às demandas técnicas da disputa de Pólo Aquático, recuperou também seu brilho. Tudo isso causou um imenso resgate da autoestima da cidade, que hoje é considerada a Capital Olímpica da América Latina.

Esperava-se com a realização do Pan de 2007 haveria avanços no que tange as políticas públicas de promoção ao esporte, pois de acordo com o CO-RIO ([2007?], p. 215):

Já nas fases iniciais de planejamento e organização dos jogos, havia a noção clara, tanto da parte do Comitê Organizador, quanto dos entes governamentais, de que o Rio 2007 tinha potencial inigualável para promover uma guinada em prol do esporte e acelerar avanços em termos do gerenciamento de uma política esportiva, da coordenação de ações públicas, da administração de investimentos, implementação de melhorias urbanas e formação de recursos humanos.

E havia um consenso, segundo este mesmo comitê que a edição realizada em 2007 superaria todas as outras anteriores, pois de acordo com o referido (CO-RIO, [2007?], p.215):

Os Jogos Pan-americanos vêm sendo realizados desde 1951, a cada quatro anos. Em todas as edições, as cidades-sede se esmeraram para o melhor em termos de estrutura para as competições, mas há uma unanimidade, entre atletas e dirigentes esportivos, no sentido de reconhecer o Rio 2007 como uma espécie de divisor de águas, um marco que deverá inspirar transformações e avanços no esporte das Américas. Pelo conjunto de inovações e serviços, pela divulgação que obtiveram e pelas condições de competição e projeção que asseguraram aos atletas, não há dúvida de que os Jogos Rio 2007 colocaram o esporte das Américas em um novo patamar e consagraram um novo formato para a tradicional competição continental.

Outro fato levado em consideração durante a execução do Pan de 2007 foi que, a construção de estádios e locais destinados às práticas desportivas – legado que diz respeito à infraestrutura física necessária para a realização de provas de nível internacional – deixaria uma espécie de legado imaterial, que elevaria a auto-estima e estimularia a prática esportiva. Note que ao invés de se utilizar a palavra “cariocas” (visto que o Pan de 2007 foi de fato do Rio) utiliza-se “brasileiros” de modo a dar maior legitimidade e carregar de sentimentos patrióticos os referidos Jogos (CO-RIO, [2007?], p. 215):

Internamente, isto é, para os próprios brasileiros, os reflexos dos Jogos também foram igualmente significativos. Há uma herança física, representada pelas instalações esportivas e demais obras estruturais que ficaram no Rio de Janeiro após o fim das competições, e existe, também, um legado emocional intangível. Este último pode ser verificado: no estímulo da prática de esportes entre crianças e adolescentes; nas experiências proporcionadas a espectadores, com as competições-espetáculo; na criação de novas platéias para o esporte; e na elevação da auto-estima do cidadão carioca.

Houve também a inclusão da cidade do Rio de Janeiro no seletor *hall* de cidades brasileiras que albergam eventos de dimensões internacionais, tais como feiras e shows pela

concessão destes espaços para a iniciativa privada¹², pois (CO-RIO, [2007?], p.216):

Com a Cidade dos Esportes, surge um novo vetor de desenvolvimento para aquela região, baseado em equipamentos que garantem a excelência esportiva do Rio de Janeiro e, ao mesmo tempo, seu papel de destaque na indústria do entretenimento. Prova disso foi a recente concessão da Arena Olímpica do Rio, feita para um dos maiores grupos internacionais especializados na operação de instalações multiuso, o que garante a inclusão mais assídua da cidade no circuito internacional dos grandes shows e eventos. Ainda na Barra, outro legado estratégico para o Rio de Janeiro foi à revitalização completa do maior centro de convenções da América do Sul, o Riocentro.

A partir de sua concessão para a iniciativa privada, o Riocentro foi completamente reformado e apresenta, agora, o mesmo padrão de instalações dos principais centros de convenções do mundo, o que permitirá que o Rio volte a ser destino extremamente competitivo no disputado segmento do turismo corporativo, bem como no de feiras e convenções, que movimentam bilhões de dólares anualmente. Alguns resultados neste campo já podem ser observados, principalmente com a elevação da taxa de ocupação do Riocentro para o biênio 2008-2009.

Com a leitura destas transcrições, observa-se que um megaevento esportivo vai muito mais além de um simples espetáculo, pois é mola propulsora da economia de um país, sendo um dos melhores e mais eficazes meios de geração de divisas tanto para o Estado como a iniciativa privada.

Para legitimarmos a crítica feita ao seu caráter mercadológico, é importante lembrar que a segunda metade do século XX marcou de maneira definitiva o conceito de esporte. Com o fortalecimento dos meios de comunicação eletrônicos – já no final do século passado a partir da expansão tecnológica – o esporte sofre resignificações. Ganha contornos financeiros, e a escalada de seus negócios até o cume das atividades econômicas torna-se evidente nesta sociedade global, pois tem no seu bojo conhecimentos de natureza teórico-metodológicos, técnicos e de inovação, de telespetáculo e inclusive de interesses de Estado.

Com isto, a realização de megaeventos esportivos configura-se em importante meio de obtenção de recursos econômicos e financeiros. Há sobremaneira preferência pelos de porte internacional, visto que conferem uma imagem mais qualificada para a cidade sede, possibilitando uma maior exposição desta nos meios de comunicação eletrônicos e uma movimentação maior de diversos setores da economia local, solidificando sua posição de destaque frente ao país e contribuindo para a criação tanto de um legado físico como de imaterial.

¹² O grupo HSBC é o atual concessionário, e a GL events é a atual administradora do complexo “cidade dos esportes”. Mais em <http://www.hsbcarena.com.br/index_home.php#

4 DÉCADA DE OU DO OURO?

4.1 O legado da infraestrutura na cidade carioca

A menção ao termo década “de ouro” no título é uma alusão ao plano decenal de esporte e lazer, aprovado na III Conferência Nacional do Esporte, onde o tema foi “10 pontos em 10 anos para projetar o Brasil entre os 10 mais” que ratificou a necessidade da implantação de um sistema nacional de esporte e lazer, lastreado em recursos que tornem sustentável um projeto de longo prazo no país. Também pode referir-se ao período compreendido entre 2007 e 2017, quando serão realizados três acontecimentos denominados megaeventos esportivos. Neste sentido, a idéia de década “do ouro” surge a partir do período iniciado em 2007, com a realização do Pan, passando pela Copa do Mundo de 2014 (algo que não pode ser comemorado tão intensamente, pois não havia concorrentes) e culminando em 2016, quando a cidade carioca sediará uma edição dos Jogos Olímpicos. Serão dez anos, e bilhões de reais em investimentos que precisam, pelo menos em tese, gerar empregos, oportunidades e inclusão social e as diferentes faces que o legado de um megaevento esportivo pode ter.

A escolha da cidade do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos de 2016, pelo COI foi um importante fato histórico. Alinhado com o bom momento da economia brasileira e as relações internacionais – itens importantes do período em questão – este resultado revalidou a percepção de que o Brasil teria uma grande oportunidade de viver uma “década de ouro”, no que se referia à economia do esporte¹³ e ao crescimento social por meio do esporte, especificamente. (GURGEL, 2010, p.19).

De acordo com Proni, Araujo e Amorim (2008, p. 5) em estudo publicado pelo IPEA em 2008:

Há uma racionalidade que caminha em paralelo à organização das competições e à disputa de medalhas. São razões de Estado, mescladas a interesses privados que, quando bem articulados, convergem para um planejamento rigoroso, capaz de transformar

¹³ Há muitos estudos que abordam o crescimento da economia do esporte no mundo e no Brasil. Em particular, o de GURGEL (2006), onde se mostra a expansão dos interesses econômicos no mundo esportivo, notadamente no futebol. Outros estudos que mostram a importância econômica do esporte são de KASZNAR e GRACA FILHO (2002) e o de BOURG e GOUGUET (2005). Cientes de que o esporte movimentava cifras bilionárias em todo o mundo, e que o PIB do esporte no Brasil é de cerca de 2% do PIB nacional – e com tendência de crescimento –, vamos avançar na busca de alguns conceitos fundamentais para este trabalho (GURGEL, 2010, p. 21-22).

custos elevados em rentáveis dividendos políticos, econômicos e sociais, invisíveis aos olhos desatentos da maioria dos telespectadores. Os anos 1980 viram o Comitê Olímpico Internacional (COI) passar de uma posição enfraquecida e desgastada para uma posição poderosa e influente, emergindo como órgão internacional respeitado por governantes de ricas nações. A virada ocorreu quando o então presidente do COI, Juan Samaranch, e sua equipe desenvolveram um plano e ações de *marketing* que reforçaram a imagem e, principalmente, o caixa da instituição. Samaranch articulou compromissos com chefes de Estado e lançou os Jogos para um patamar superior de organização e de comercialização, garantindo um espetáculo de alta qualidade. De lá para cá, os Jogos se transformaram em grandioso espetáculo da nova ordem mundial, produção caríssima, que pode catalisar o desenvolvimento da região-sede do evento, assim como de boa parte da economia do país, mas que exige um alto comprometimento das finanças do Estado.

É possível categorizar os legados a fim de melhor analisá-los: econômico, ambiental, político, social, cultural etc. Como afirmado anteriormente, não é tarefa fácil delimitar o legado; mesmo o econômico é de difícil mensuração em virtude dos seus efeitos multiplicadores, que não se podem definir com precisão como sendo decorrentes da realização dos megaeventos esportivos.

Além do que, um legado econômico não pode se restringir a uma leitura monetária haja vista os efeitos sobre diversos setores econômicos. Em termos políticos é bastante evidente a contribuição dos megaeventos esportivos para a afirmação dos Estados Nacionais à medida que as equipes de atletas se agrupam sob esta organização.

No Pan de 2007 a afirmação da identidade nacional esteve presente em diversas arenas esportivas, especialmente nos momentos de vitória dos atletas brasileiros. Este foi um sentimento estimulado inclusive pelos organizadores do evento, que já na solenidade de abertura exaltaram as qualidades da cidade anfitriã (RAEDER, 2008).

A promoção de eventos tem sido uma das principais estratégias utilizadas pelas cidades na busca de maior atração de financiamentos e investimentos. Tais eventos podem ser de diferentes naturezas, organizados por distintos atores e instituições que desempenham as mais diversas atividades na sociedade.

Há uma predileção especial dos gestores empreendedores pelos eventos com repercussão internacional, uma vez que poderão conferir uma imagem mais qualificada para a cidade sede. Além disso, os eventos internacionais podem significar a circulação de turistas com alto poder aquisitivo, dispostos a consumir os serviços e bens comercializados localmente (RAEDER, 2008).

Para albergar estes eventos, a cidade sede deve apresentar alguns equipamentos diretamente relacionados com o evento em si, como centro de convenções e hotéis, além de amenidades culturais e uma adequada infraestrutura de transportes que permita o deslocamento dos participantes e expectadores. Com relação à temática dos transportes, destacam-se a proximidade de aeroportos, além de outras modalidades que permitam os deslocamentos rápidos e seguros entre os principais locais de circulação dos participantes dos eventos (RAEDER, 2008).

Desde a Revolução Industrial, cada vez mais as cidades apresentam evoluções na forma como seus habitantes se deslocam. Iniciou-se uma série de alterações que culminaram na dispersão dos locais habituais de trabalho; as novas formas do labor e as novas relações entre os indivíduos proporcionaram entre outras manifestações, a migração do indivíduo para o ciberespaço e a ruptura de paradigmas antes encarados como indelévels.

Isto propiciou o surgimento de novas paisagens urbanas. Com a mudança no perfil social, no qual a população evoluiu do trajeto casa-trabalho-casa para novas possibilidades de destinos, novas tecnologias e novas rotinas fizeram as sociedades se tornarem cada vez mais dinâmicas; com isso novos trajetos são realizados diariamente.

É importante salientar que esta mudança propiciaria em tese, a apropriação do tempo livre pela classe trabalhadora, algo há muito sonhado e desejado já que estas novas configurações no campo da mobilidade humana favoreceriam a realização das atividades laborais próximas de suas residências.

Neste sentido, é preciso pensar no transporte coletivo como meio capaz de oferecer ao indivíduo a possibilidade de realizar seus trajetos de maneira satisfatória; também é necessário que se reflita sobre a importância deste tema pela óptica do esporte, pois é pela reconfiguração da infraestrutura dos transportes coletivos que poderemos fornecer meios eficazes e eficientes de locomoção aos que aqui estiverem nos próximos megaeventos esportivos internacionais que são esperados¹⁴. Porém, é importante salientar que, um megaevento esportivo só ocorre se, em primeiro lugar, houver instalações e espaços apropriados para sua realização e competições.

Apesar de não causar nenhum tipo de transtorno ao ponto de ter impedido sua realização, as alterações nos sistemas de transporte propostos na eleição do Rio de Janeiro como

¹⁴ Até o presente momento, foram confirmados os V Jogos Mundiais Militares-2011, a conferência RIO+20- 2012, a Copa do Mundo de Futebol de Campo-2014 e as Olimpíadas de Verão-2016.

cidade sede dos XV Jogos Pan-americanos, teriam colaborado bastante para o deslocamento da população e dos turistas pela cidade durante o Pan de 2007.

Quanto às medidas relativas ao sistema de transportes efetivamente realizados, houve a implantação da integração metrô-ônibus, denominado metrô de superfície em Junho de 2007; embora tenha sido importante para o deslocamento durante o Pan de 2007, esperava-se um legado em infraestrutura de transportes maior por conta das promessas feitas na candidatura do Rio de Janeiro como sede.

Mesmo que muito aquém do projetado, algumas modificações foram realizadas. Foi implantado o trecho Del Castilho – Alvorada, com o trajeto pela Linha Amarela. Para o sistema viário da região, foram executados o “Anel Viário Pedro Ernesto”, um sistema de rótula com acessos para a Avenida Embaixador Abelardo Bueno e Avenida Ayrton Senna; a duplicação da primeira avenida facilitou a circulação naquele ponto (ARAUJO; REZENDE; LEITÃO, 2008.).

Ao contrário do ocorrido nos Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992 – se é que podemos realizar tal comparação, haja vista a enorme discrepância entre os eventos e o seu contexto histórico – quando houve de fato a preocupação em distribuir melhor geograficamente as instalações, fazendo com que os Jogos de Barcelona pudessem auxiliar no equilíbrio do sistema urbano, a democratizar o acesso, o que se viu na cidade do Rio de Janeiro foi a concentração do Pan de 2007 em uma área só!

A região da Barra da Tijuca e a Baixada de Jacarepaguá confirmaram-se como o ponto central do Pan, concentrando o maior número de equipamentos esportivos. Por isso, seria a área mais beneficiada com o legado deixado pelo evento, principalmente no que diz respeito ao sistema viário e de transportes; entretanto tais construções não foram feitas.

No que tange às instalações esportivas, considera-se que os custos anuais de manutenção física e do *staff* de uma instalação esportiva freqüentemente ultrapassam 10% do seu valor atualizado, sendo fácil perceber que tais despesas representam um grande ônus para os municípios nos quais as instalações estão inseridas, havendo grande risco de deterioração daquele patrimônio na ausência de manutenção apropriada e permanente.

A consequência de manutenção deficiente ou inadequada das instalações contribui para seu gradual abandono, sujeitando-as a invasões e vandalismo. As experiências brasileiras apontam como solução a adoção de parcerias público-privadas – viáveis em muitos

casos e, em especial, na opção pela gestão privada de uma instalação pública (BONNENFANT apud RIBEIRO 2008, p. 108). Ao invés de se utilizar a palavra “muitos” visto que é a idéia do autor e que não podemos macular seu posicionamento, acreditamos que a substituição desta por “alguns” soaria mais agradavelmente aos nossos ouvidos. Pois, o apontamento que levantamos é com relação às parcerias: Qual o melhor modelo? Concessão ou privatização? Devemos realmente pagar duas vezes pelo que foi feito?

De um modo geral, as instalações esportivas geram impactos e legados positivos. Eventualmente podem resultar em legados negativos quando têm seu planejamento negligenciado por insuficiente dedicação de tempo ou esforço na direção de proporcionar condições favoráveis ao seu pós-uso. Nesse caso, há grande risco do surgimento de indesejáveis “elefantes brancos”, e a negligência no planejamento do legado conduz a inevitáveis desgastes políticos e de imagem para os responsáveis pela organização do megaevento esportivo.

O que ficou de legado efetivamente foi mais um mega-condomínio para a cidade – a Vila Panamericana¹⁵ – na Barra da Tijuca, as instalações esportivas do Complexo Esportivo “Cidade Dos Esportes”, que compreendem o parque aquático Maria Lenk, o Velódromo da Barra e a Arena Olímpica do Rio, todos dentro do Autódromo Internacional Nelson Piquet, em Jacarepaguá; o Estádio João Havelange – Engenhão e a reformas no Estádio do Maracanã e no Círculo Militar Deodoro, que após sua revitalização denomina-se Complexo Esportivo Deodoro.

Alguns bairros cariocas obtiveram uma valorização imobiliária significativa pela passagem do Pan de 2007 na cidade, como é o caso do entorno do Estádio João Havelange e, em Deodoro. O que de fato ocorreu nestas áreas foi a explosão do mercado de imóveis. A transcrição abaixo ilustra a posição do CO-RIO ([2007?], p. 217) em relação ao setor imobiliário como indutor de crescimento e recuperação econômica:

¹⁵ Destacam-se entre outras, a Lei Complementar nº 59 de 27 de setembro de 2002, a qual transforma o uso da área localizada na Av. Ayrton Senna com vias 5 e 6 para fins de implantação de Complexo Comercial, hoteleiro e multifamiliar com serviços, uso residencial transitório ou permanente; a Lei Complementar nº 60 de 22 de novembro de 2002, que prevê a alteração do gabarito e da taxa de ocupação desta área, futuras instalações da Vila Pan-Americana; os Decretos nº 23811, de 11 de dezembro de 2003 e nº 23909, de 8 de janeiro de 2004, complementam as duas Leis anteriores, alterando o coeficiente de aproveitamento do terreno, e fixando em 10 andares o gabarito máximo permitido, ou altura igual ao gabarito, para a área correspondente à Vila Pan-americana; o Decreto nº 24241, de 24 de maio, fixa a área útil mínima das unidades residenciais para 30,00 m², e dispensa a exigência de vagas excedentes e daquelas referentes às unidades que disponham de mais de uma vaga, também na área correspondente à Vila Pan-americana e, finalmente, a Lei Complementar nº 74 de 14 de janeiro de 2005, que permite a alteração de uso da área ocupada pelo Autódromo do Rio de Janeiro para comercial e serviços; hoteleiro; equipamentos esportivos e destinados a atividade de lazer e diversões de natureza turística. O terreno onde se encontra a Vila Pan-americana é uma área de terrenos inundáveis, que demanda um tipo de construção muito cara, esta ação provocou uma grande valorização daquele terreno, pois possibilitou um aumento na quantidade de unidades à venda, na medida em que o gabarito máximo permitido, que antes era de apenas três pavimentos, foi elevado para doze. (ARAUJO; REZENDE; LEITÃO, 2008).

O impacto positivo da construção do estádio tem também seus contornos sociais e econômicos e pode ser sentido em toda a região do grande Méier, considerada uma das mais populosas da cidade. A valorização dos imóveis na região cresceu exponencialmente, o número de novas construções está batendo recordes e novos negócios estão sendo atraídos para uma região que enfrentava uma continuada estagnação. Os resultados favoráveis já computados comprovam o acerto da estratégia da Prefeitura de utilizar o maior investimento esportivo dos Jogos como indutor de crescimento e recuperação econômica de uma importante área da cidade.

Assim também ocorreu em Deodoro. Ao se preparar para acolher 11 modalidades em seis instalações esportivas, o Complexo Esportivo Deodoro, na Vila Militar, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, viu a vida de sua população melhorar. Distante do centro da Cidade, a região teve um grande aumento no fluxo de pessoas graças ao Rio 2007, o que impactou positivamente o comércio e o mercado de serviços.

Pelo relatório do CO-RIO somos convidados a enxergar um Pan que realmente impactou a cidade do Rio de Janeiro e que deu certo. Porém, é importante neste momento trazer à baila informações sobre os problemas que o envolveram os Jogos. Embora tenha deixado quase nada de legado em infraestrutura para a cidade, os Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro foram bastante caros.

O custo estimado para sua realização, apresentado na ocasião da candidatura do Rio de Janeiro como cidade-sede, foi em muito superado pelo que foi realmente gasto. Em Agosto de 2007, ao término dos Jogos, o valor declarado pela prefeitura no Diário Oficial em 10/08/2007, foi de R\$ 1.212.572.094,65, contra os R\$186.297.616,00¹⁶ iniciais. Estes valores incluem gastos com a construção e adaptação dos equipamentos esportivos, R\$ 318,3 milhões no Estádio Olímpico João Havelange, R\$ 127 milhões na Arena Olímpica do Rio e R\$ 60 milhões no Parque Aquático Maria Lenk.

O valor gasto é muito superior ao proposto inicialmente. Mesmo com todo esse custo para sediar os XV Jogos Pan-americanos, nenhuma parte desses recursos foi alocada para cumprir as principais promessas feitas no início da candidatura do Rio de Janeiro como sede destes Jogos que foram:

- i) a implantação do metrô na Barra da Tijuca, linhas 4 e 6;
- ii) a construção do Trans-Pan;
- iii) o anel viário;
- iv) ligação Lagoa-Barra;

¹⁶ Há um consenso entre os estudiosos deste tema, que trata da dificuldade em se obter os valores exatos acerca do custo total dos XV Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro. Uma das razões encontra-se na multiplicidade de fontes oficiais e os diversos poderes envolvidos na execução e controle do Pan de 2007.

v) ligação da Via Light à Avenida Brasil ou a RJ-109;

vi) despoluição da Lagoa Rodrigo de Freitas.

Um dos poucos ganhos que a cidade teve na área de transportes, foi em relação ao sistema de controle de tráfego municipal.

Bem, é de se esperar que, com o investimento girando na casa dos R\$ 28.000.000.000,00 (os zeros foram colocados propositalmente) muitas coisas deverão ser “*realizadas*” para a execução da Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016 na cidade do Rio de Janeiro. Para termos uma idéia do montante de recursos mal empregados durante as fases que compuseram o Pan de 2007, o Tribunal de Contas da União – TCU – divulgou o Acórdão-Plenário 1320/2009 que dentre outras informações relevantes, divulga dados referentes à implantação de infraestrutura de natureza temporária e locação de equipamentos necessários à construção das instalações esportivas e não esportivas e da Vila Pan-americana.

O referido documento (TCU, 2009, p. 1-3) trata:

De representação formulada originalmente pela equipe de fiscalização do Tribunal responsável pelo acompanhamento das obras e ações relativas aos XV Jogos Pan-americanos, ocorridos na cidade do Rio de Janeiro/RJ, em face de possíveis irregularidades no âmbito da execução do Contrato ME nº 001/2007 e do Convênio ME nº 080/2007, referentes à implantação de infra-estrutura de natureza temporária e locação de equipamentos necessários à construção das instalações esportivas e não esportivas e da Vila Pan-americana (**overlay**) [...]

15. A equipe de fiscalização do TCU verificou que o objeto licitado e contratado em regime de empreitada por preço global difere sobremaneira daquele em execução, tanto quanto à ausência de previsão para determinados serviços realizados, bem como quanto às quantidades preestabelecidas, em grande parte superior àquelas realmente verificadas, conforme exemplificado nos parágrafos 25 a 31 a seguir.

Neste relatório, é chamado á atenção para itens não instalados, alocados de forma suspeita, de qualidade duvidosa e que não conferem com planilhas orçamentárias enviadas ao Ministério do Esporte, denunciando indícios de irregularidades (TCU, 2009, p.03):

25. Em relação aos itens contratuais 001 e 002 - "Aquisição de aparelhos de ar-condicionado, tipo janela, 12.000 BTU"s e 21.000 BTU “s, respectivamente, com baixo nível de ruído e termostato regulável", fl. 29, a equipe verificou, somente no Complexo Esportivo de Deodoro, a inexistência de 180 (cento e oitenta) unidades, resultante da diferença entre as 344 (trezentos e quarenta e quatro) unidades contratadas e as 164 (cento e sessenta e quatro) unidades fornecidas e instaladas.

26. Já na Vila Pan-americana, a equipe verificou a inexistência de 244 (duzentas e quarenta e quatro) unidades, decorrente da diferença entre as 1.033 (mil e trinta e três) unidades contratadas (Coluna VILA à fl. 38) e as 789 (setecentas e oitenta e nove) unidades fornecidas, das quais, inexplicavelmente, 389 (trezentas e oitenta e nove)

unidades não se encontravam instaladas, mas, isso sim, armazenadas no subsolo dos Blocos 11 e 12, acondicionadas e embaladas da forma como deixaram a fábrica.

27. Estes itens, então, se medidos em sua totalidade nas duas instalações Pan-americanas mencionadas, representariam dano ao erário de R\$ 884.721,70 (oitocentos e oitenta e quatro mil, setecentos e vinte e um reais e setenta centavos), conforme planilha às fls. 87/88.

28. Quanto ao Item 003 - "Assentos plásticos, inclusive estrutura de arquibancada e fechamento em lycra", fl. 29, destinados ao Complexo Esportivo de Deodoro e à Praia de Copacabana, consideradas para este último local as competições de Vôlei de Paria e Triatlo, foram contratadas 19.347 (dezenove mil, trezentos e quarenta e sete) unidades, muito embora 7.013 (sete mil e treze) unidades não vieram a ser fornecidas e montadas, conforme constatado in loco pela equipe de fiscalização do TCU.

29. Logo, este item, se medido integralmente, implicaria prejuízo aos cofres públicos na importância de R\$ 4.089.210,17 (quatro milhões, oitenta e nove mil, duzentos e dez reais e dezessete centavos), conforme planilha às fls. 87/88.

30. É de se anotar, também, a inexecução do Item 151 - "Painel simples, 15,00 m x 5,00 m, em lona com impressão digital, bainha e ilhoses a cada 10,00 cm para fixação com braçadeira plástica, quadro em tubo de ferro, diâmetro 1¼" e pintura automotiva", fl. 32, cujas sessenta unidades, reservadas para a Vila Pan-americana (Coluna VILA, à fl. 42), ao preço total de R\$ 594.288,00 (quinhentos e noventa e quatro mil e duzentos e oitenta e oito reais), sequer foram instaladas, além do Item 007 - "Camada de brita 1, E = 10cm", à fl. 29, no valor de R\$ 508.448,80, e Item 094 - "Piso asfaltado", à fl. 30, no valor de R\$ 412.706,48 também não executados e, se pagos, configurariam prejuízo ao erário correspondente a esses valores.

31. Merece atenção, ainda, o Item 101 - "Tablado de madeira H = 80 cm sobre estrutura tubular", fl. 31, cuja previsão era a instalação de 12.800 m² e foram instalados 10.566 m², conforme medido in loco pela equipe do TCU, o que corresponde a uma diferença de R\$ 647.413,20 (seiscentos e quarenta e sete mil quatrocentos e treze reais e vinte centavos).

Mesmo sendo um evento de um porte muito menor que uma Olimpíada, alguns autores afirmaram que a Prefeitura julgava que as medidas anunciadas para a viabilização da realização dos Jogos Pan-americanos de 2007 no Rio de Janeiro, principalmente na região da Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá, diante da possibilidade da divulgação e da transmissão televisiva do evento, poderiam elevar a cidade ao mesmo nível onde se encontram Barcelona, Berlim e Sidney.

Entretanto, isso não ocorreu. O Pan de 2007 passou, e se deixou um legado de urbanismo e de infraestrutura foi muito menor do que fora prometido no início da candidatura da cidade como sede do evento. Quando se fala dos resultados que podem ser colhidos nessa década que vem sendo construída desde 2007, fala-se na prática do que se chama de legado dos megaeventos esportivos.

O Pan de 2007 deixou muito a desejar nos quesitos planejamento, gestão de recursos públicos, prazos¹⁷ e benefícios efetivos para a população local. De acordo com o Relatório Pan de 24/09/2008, o TCU (2008, p. 1- 2) discorre que:

¹⁷ O TCU divulga periodicamente informações referentes aos próximos megaeventos esportivos do Brasil. Mais em

3. Diante da importância e magnitude do evento, talvez com paralelo apenas na Copa do Mundo de 1950, guardadas as enormes diferenças que separam os dois eventos, tanto em termos de tempo quanto de complexidade, esta Corte decidiu, por meio do Acórdão nº 704/2004 – Plenário, acompanhar a execução do “Programa Rumo ao Pan 2007”

5. O envolvimento das três esferas governamentais limitou a capacidade de atuação desta Casa, restrita, por força dos limites de suas atribuições, às ações de competência federal. Contou-se, contudo, com a colaboração dos Tribunais de Contas Estadual e Municipal, que compartilharam o interesse com o evento e conduziram suas próprias fiscalizações.

6. O Voto do Ministro-Relator, Marcos Vilaça, que fundamentou o Acórdão nº 282 – Plenário, de 7 de março de 2007, apontou os principais problemas diagnosticados para a implementação do “Programa Rumo ao Pan 2007”. Os pontos críticos identificados podem ser resumidos na “incapacidade dos agentes envolvidos de prever, antecipadamente e de forma realista, os dispêndios necessários à realização de empreendimento desta vanguarda”, em face da extraordinária evolução dos gastos da União, que saltaram de pouco mais de R\$ 95 milhões para R\$ 1,8 bilhão, com a maior parte da execução realizada no primeiro semestre de 2007.

É sabido que a falta de um planejamento estratégico e de análises durante os processos de realização de um megaevento esportivo da magnitude do Pan de 2007 levam ao fracasso qualquer projeto; embora o CO-RIO tenha contado com a ajuda de consultores internacionais, houve uma incapacidade gerencial dos recursos e prazos estipulados, como se observa a seguir num dos relatórios do TCU (TCU, 2008, p. 2):

7. Na oportunidade, o Relator apontou, ainda, a falta de planejamento como fator constante em todas as ações relativas aos Jogos Pan-americanos, embora, desde Outubro de 2005, esta Corte tenha identificado a precariedade da situação e alertado as autoridades, por meio do Acórdão nº 1.572/2005 – Plenário, para a necessidade de adoção urgente de medidas corretivas. Em seu Voto no Acórdão nº 1.442/2006 – Plenário, de 16/08/2006, foi determinado às Unidades Técnicas envolvidas que informassem, mensalmente, a situação e a evolução das contratações e obras do Pan 2007, medida que se materializou por meio de diversos processos. Posteriormente, por força do item 9.8 do Acórdão nº 282/2007 – Plenário, de 07/03/2007, este prazo foi reduzido para quinzenal.

O relatório discorre inclusive sobre uma série de informações referentes à execução dos programas, e do conjunto de ações promovidas pelo Governo Federal para a implantação da infraestrutura necessária à realização do Pan de 2007. O documento aponta várias licitações realizadas às pressas, que poderiam comprometer o andamento e quem sabe a execução do Pan de 2007. Ressalta também o aumento dos gastos com pessoal do Ministério do Esporte no período chegando a aproximadamente 140%, e que aproximadamente 70% dos valores gastos pela União foram aplicados no primeiro semestre de 2007 (TCU, 2008, p. 96):

498. Do valor global gasto pela União, mais de 70% foram aplicados no primeiro semestre de 2007. A proximidade do evento fez surgir convênios, licitações e contratações de última hora que apenas confirmam a falta de planejamento das ações relativas aos Jogos, gerando riscos quanto à conclusão a tempo das instalações esportivas e não-esportivas e de todas as ações necessárias à realização do evento; a possibilidade de majoração de preços dada à emergência e a ausência de tempo hábil para obtenção de melhores propostas para o poder público.

499. Para carrear o Programa Rumo ao Pan 2007 (1246), dentre outros, o Ministério do Esporte contou com uma estrutura de pessoal que, em 2007, totalizou gastos da ordem de R\$ 14 milhões, contra R\$ 10 milhões em 2006. Já os gastos com terceirização no âmbito daquele Ministério atingiram em 2007 o patamar de R\$ 127,3 milhões, contra R\$ 52,8 em 2006, o que representa crescimento da ordem de 141%, muito em razão do Pan 2007.

Com relação aos patrocinadores do evento o Relatório mostra que também houve discrepâncias quanto aos valores divulgados e os realmente empregados nos contratos formados entre empresas o CO-RIO (TCU, 2008, p. 98):

515. O Ofício nº 18-335/2007, de 18 de maio de 2007, com abordagem na Área de Patrocínio, solicitou:

a) discriminação da fundamentação legal referente ao patrocínio dos XV Jogos Pan-americanos e III Parapan-americanos previsto na Matriz de Responsabilidade firmada em 14 de fevereiro de 2007, dos seguintes partícipes: Petrobrás, Caixa Econômica Federal e Correios; b) detalhamento da aplicação dos recursos acima descritos; c) discriminação de todos os patrocinadores privados e os respectivos valores aportados até a presente data; d) detalhamento da aplicação dos recursos acima descritos; e) indicação de alteração no patrocínio de empresas públicas e sociedades de economia mista após a assinatura da Matriz de Responsabilidades. [...]

517. Não constam da planilha apresentada pelo CO-RIO, por exemplo, os valores oriundos do patrocínio da Telemar.

518. É oportuno pontuar, quanto à discriminação da fundamentação legal referente aos respectivos patrocínios, item a do Ofício nº 18-335/2007, a declaração expressa: “todos os patrocinadores independentemente de serem públicos ou privados seguiram a mesma conduta do mercado publicitário brasileiro”, logo se mantém sem resposta o teor do questionamento efetuado.

519. Por essa razão, ante a discrepância dos valores previstos, na Matriz de Responsabilidades sobre as ações do PAN, para Caixa Econômica Federal, para os Correios e para Petrobrás e os evidenciados na Planilha fornecida pelo CO-RIO, cabe solicitar a esses patrocinadores informações relativas a todos os valores, à fonte de recursos (se recursos próprios, oriundos de incentivo fiscal/renúncia de receita, etc.), à destinação e, por fim, à fundamentação legal, se couber, referentes aos patrocínios dos XV Jogos Pan-americanos e III Parapan-americanos.

520. Cabe ainda, solicitar à SEPAN/ME informações acerca de todos os recursos arrecadados nos XV Jogos Pan-americanos e III Parapan-americanos, para fins de análise das receitas obtidas utilizadas como fonte de custeio dos jogos em cotejo com o aporte final de recursos das três esferas de governo.

521. O exposto acima, neste tópico XVII, é originário do TC-008.860/2007-6, que representa o 2º relatório trimestral de acompanhamento de 2007 (data-base maio/junho de 2007), apensado aos presentes autos.

O relatório pode ser considerado importante documento, pois sua leitura aponta para problemas gerenciais dos organismos envolvidos na execução do Pan de 2007. Embora todos estes atores tenham se esforçado para uma gestão eficaz e eficiente dos recursos e prazos, infelizmente o TCU mostrou que houve indícios de: a) atos de gestão antieconômicos; b) deficiência na fiscalização do contrato; c) excesso de alterações contratuais; d) inadequação do projeto básico; e) indícios de superfaturamento f) não-parcelamento do objeto; e g) subcontratação irregular. Os recursos financeiros gastos nas fases que compuseram o Pan de 2007 foram muito superiores ao valores iniciais. Embora o município do Rio de Janeiro fosse de fato o ente da Federação que disponibilizaria a maior soma dos recursos financeiros destinados ao Pan de 2007, a União bancou grande parte dos recursos para a execução do Pan de 2007.

Cabe aos comitês e aos atores envolvidos nas fases de planejamento e execução dos próximos megaeventos esportivos uma sistemática avaliação do Pan de 2007 para que erros cometidos no Pan de 2007 não ocorram novamente, visto a importância destes para o país.

5 Considerações Finais

Por meio de uma brincadeira de palavras com viés de provocação, quisemos iniciar um movimento de trazer à tona informações que foram e ainda são amplamente veiculados pela *mídia* acerca de megaeventos esportivos, mas que apresentam discursos carregados de exageros típicos do senso comum. Mais precisamente, o Pan de 2007 foi o alvo de nossas pesquisas, sendo o primeiro de uma série de três grandes megaeventos neste decênio. A expressão década “de ouro” referiu-se nesta monografia ao plano decenal de esporte e lazer, que ratificou a necessidade da implantação de um sistema nacional de esporte e lazer, de modo a tornar sustentável um projeto esportivo de longo prazo no país. Já a idéia de década “do ouro, fez menção ao período compreendido entre 2007 e 2017, com a realização do Pan de 2007, a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016 onde somas significativas de recursos financeiros serão destinadas as fazes que comporão tais megaeventos.

O primeiro se foi, e deixou transformações na cidade carioca. São complexos e instalações esportivas que possibilitam a realização de megaeventos esportivos de magnitude continental. A estas transformações dá-se o nome de legado, que pode ser entendido como conjunto de bens materiais e imateriais, que se conformam como permanências sócio-espaciais no tecido urbano decorrentes das ações empreendidas por conta da implementação de um megaevento esportivo. Para caracterizá-lo, podemos dizer que este legado é de característica material.

Mas o Pan de 2007 deixou também, um legado de dúvidas e problemas referentes ao seu planejamento, gestão de recursos públicos, prazos e benefícios efetivos para a população local. O que se viu foi – se não a total – falta de organização por parte de seus gestores no que diz respeito ao zelo pelos recursos públicos e o descomprometimento com prazos e contratos. Para corroborar o que consta nesta monografia, foram utilizados documentos do Tribunal de Contas da União – TCU – e o valor gasto pelo município foi muito superior ao proposto inicialmente, saltando de modestos R\$ 186.297.616,00 para R\$ 1.212.572.094,65 conforme o Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro de 10 de Agosto de 2007. Outro ponto levantado foi a dificuldade em se obter valores confiáveis do total de recursos gastos pelas três esferas de governo durante o Pan de 2007.

Mesmo com estes custos para sediar os XV Jogos Pan-americanos, nenhuma parte desses recursos foi alocada para cumprir as principais promessas feitas no início da candidatura do Rio de Janeiro como sede destes Jogos que foram:

- i) a implantação do metrô na Barra da Tijuca, linhas 4 e 6;
- ii) a construção do Trans-Pan;
- iii) o anel viário;
- iv) ligação Lagoa-Barra;
- v) ligação da Via Light à Avenida Brasil ou a RJ-109;
- vi) despoluição da Lagoa Rodrigo de Freitas.

Estas alterações físicas dizem respeito ao legado referente à infraestrutura física prometida à cidade carioca, pois de acordo com o que expusemos, o legado decorrente de megaeventos esportivos está agora focado em resultados não-esportivos para legitimar eventos desta monta. As cidades sede têm aliado seus projetos a estratégias de desenvolvimento econômico e de regeneração urbana como meio potencializar estas mudanças pelo aquecimento dos setores da economia que agem direta e indiretamente durante as fases que compõem os megaeventos esportivos. Estas estratégias refletem a natureza aparentemente dinâmica das economias regionais e nacionais ou a relativa falta de dinamismo de suas economias em diferentes formas, necessitando de intervenções estatais inclusive para se promoverem como cidades globais.

Bem, talvez os custos envolvidos na execução das principais obras de infraestrutura ultrapassassem os valores apresentados, e que estes recursos talvez não fossem suficientes para a realização de tais obras. Entretanto, tais informações deveriam constar nos discursos dos gestores do Pan de 2007, pois aproximadamente 70% do cronograma de ação foi cumprido no 1º semestre de 2007, dando margens a problemas de natureza administrativa como isenção de contratos e licitações. Este foi um grave problema que torcemos para que não se repita em 2014 e 2016.

Pudemos constatar que, em nenhum momento houve a preocupação efetiva com questões de natureza social, nos levando a refletir que tais pontos sequer constavam no escopo dos projetos referentes à idealização e execução do Pan de 2007, e que o Pan, não deixou o legado social que pretendia seus gestores, pelo menos em suas falas. A comparação da cidade do Rio De Janeiro com Barcelona foi infeliz e mostrou o despreparo dos gestores do Pan com

alguns temas, entre eles o referente ao legado de um megaevento esportivo. Não houve contrapartidas sociais por parte de nenhuma empresa estatal durante o evento, muito menos do governo brasileiro. As ações apresentadas não refletiram um compromisso com questões de ordem social e ambiental, e há regiões da cidade que continuam até o presente momento sem os benefícios do legado do Pan.

Vimos a concentração dos Jogos numa área do município ao contrário do que o *case* de Barcelona nos mostrou. A cidade na sua totalidade não foi beneficiada pelo evento, pois as principais obras de infraestrutura não foram realizadas, e as que precisam ser feitas para 2014 e 2016 nem sequer saíram do papel. O TCU divulga periodicamente dados referentes às obras dos eventos vindouros. Vamos ter que esperar o carnaval de 2011 para que a largada seja dada? Nas palavras do atual presidente da FIFA a Copa é amanhã, e as Olimpíadas são depois de amanhã...

A impressão que estes problemas nos dão, é que todos estes megaeventos esportivos têm mais um caráter político do que qualquer outro pelo menos no Brasil; e isto impede que tais modificações no tecido urbano sejam feitas devido às questões burocráticas e de interesses pessoais dos envolvidos. Temos muito trabalho pela frente, e há pessoal capacitado dentro dos setores do funcionalismo público que dão conta de realizá-lo. Quantos pesquisadores e quantos técnicos de altíssima qualidade dispõem nossas universidades e centros de pesquisa, sem falar de uma vasta gama de convênios com importantes universidades estrangeiras voltadas à inovação tecnológica. Por que não usá-los na geração de conhecimento e tecnologia referentes ao esporte?

O mercado imobiliário da cidade carioca beneficiou-se com a edição do Pan de 2007, além do setor da construção civil. Entretanto, a Vila do Pan – um sucesso de vendas como disse sua incorporadora – apresenta problemas estruturais por conta de sua construção em terreno alagadiço; o mais interessante é que o município despachou uma série de leis que autorizaram a construção neste tipo de terreno. Todos estes problemas nos deixam dúvidas quanto à capacidade organizacional do CO-RIO, do COB e do Ministério do Esporte no que tange aos megaeventos esportivos. Resta saber de quem é a culpa por estes episódios.

Mas, o evento deixou, além de problemas e dúvidas, conhecimento acerca da realização de megaeventos esportivos no Brasil. Entretanto nota-se que grande parte dos conhecimentos oriundos da realização do Pan de 2007 não foram efetivamente transferidos às Universidades; notamos que existem iniciativas isoladas de obtenção do conhecimento gerado

pelo Pan de 2007 em algumas instituições por meio de alguns grupos de estudos não necessariamente afetos à cultura corporal do movimento, como o Grupo de estudos Observatório da Mídia Esportiva da Universidade Federal de Santa Catarina, que dentre outros assuntos estuda o discurso midiático durante as fases que compuseram o Pan de 2007, o Centro de Estudos Olímpicos da Universidade Gama Filho, que tem tido uma observação mais assídua sobre o megaevento esportivo e o Observatório de Políticas de Educação Física, Esporte e Lazer – Observatório do Esporte da FEF Unicamp que tem se preocupado em dar cabo de responder às questões de natureza política e social do Pan de 2007.

No que tange aos conhecimentos efetivamente gerados por instituições de ensino e pesquisa de nível superior no Brasil, ocorreram alguns seminários promovidos pelo Ministério do Esporte contando com a presença de alguns poucos pesquisadores. O montante destes trabalhos apresentados convergiu no Livro intitulado “Legado de Megaeventos Esportivos”, organizados pelo CONFEF e pelo Ministério do Esporte, que são uma boa fonte de informação, mas não expressam as opiniões de muitos pesquisadores e estudiosos no Brasil. Observou-se que há um grande interesse de outras áreas de conhecimento em estudar o Pan de 2007 como, por exemplo, a economia e o jornalismo, pois, como dissemos anteriormente, o Pan de 2007 foi importante para o cenário esportivo nacional. Foi de fato um acontecimento histórico que inseriu o país no *hall* de nações que albergam competições esportivas internacionais relevantes.

De acordo com as análises realizadas neste trabalho, o país precisa investir em infraestrutura para sediar a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016 mesmo com as alterações físicas geradas pelo o Pan de 2007 no que tange aos complexos esportivos, pois de acordo com o que expusemos anteriormente sem as devidas construções, adaptações e instalações esportivas adequadas às práticas de alto nível esportivo, aliados a um sistema de transporte eficiente e boas práticas de gestão dos recursos envolvidos e de transferência de tecnologia os megaeventos esportivos que o Brasil sediará não poderão ser realizados como se esperam, pois uma infraestrutura deficiente pode atrapalhar a realização destes dois megaeventos esportivos.

É de suma urgência acabar com gargalos, como no caso da superlotação nos aeroportos, sendo urgente o planejamento de projetos de logística, notadamente em nossos portos e aeroportos que, em ritmo normal, já apresentam sérias dificuldades. O setor necessita, portanto, de investimentos urgentes. Há a necessidade de melhorarmos os acessos as cidades sede, e isto

significa investir em infraestrutura rodoviária e ferroviária. Algo não dito neste trabalho, mas tão importante quanto, diz respeito à transferência de dados gerados nos megaeventos esportivos, pois vivemos na sociedade da informação – informática para Adam Schaff – e tanto COI como FIFA possuem sérias exigências com relação a este tema. Afinal, os meios de comunicação eletrônicos permeiam nossa sociedade, e são formas de obtenção de lucro por parte dos patrocinadores dos megaeventos esportivos.

Muitos especialistas apostam em projeções favoráveis de crescimento do PIB nacional e de um crescimento sustentável da economia nos próximos anos. O termo “década de ouro” do título traz consigo a informação de que o desenvolvimento do Brasil nesta década tem passagem garantida pelos megaeventos esportivos que acontecerão, aliando geração direta e indireta de empregos e crescimento econômico. Isto gera expectativas quanto ao desenvolvimento do esporte nacional pois sabemos da importância deste frente à década que começa. Resta saber quanto destes discursos têm viés especulativo. As cidades-sede devem se preparar para o fluxo de pessoas durante os próximos megaeventos, e a integração social, o desenvolvimento humano e econômico, a geração de empregos e valorização da imagem do Brasil no exterior são algumas das questões que devem ser tratadas pelos gestores destes megaeventos esportivos e dos setores da economia que tratam destes temas. Questões de ordem social, geopolítica e econômica necessitam de mais informações para serem respondidas, ficando o registro de que há a necessidade de se continuar os estudos referentes a megaeventos esportivos, mas especificamente no Brasil, pois este objeto em particular é relativamente recente em nosso país, ficando o apelo para a continuidade destas pesquisas em todas as suas áreas.

Referências

ARAÚJO, S. D.; REZENDE, V. F; LEITÃO, G. **Impactos dos XV Jogos Pan-Americanos de 2007 na Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá, Cidade do Rio de Janeiro**. Disponível em: <<http://www.usp.br/nutau/CD/112.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2010.

BETTI, M. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. 1997. 290 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/teses/Betti_Tese.pdf>. Acesso em: 23 abr.2010.

BLOTA, H. **Carta aberta a Nuzman**. Disponível em: <http://blogdojuca.blog.uol.com.br/arch2007-04-15_2007-04-21.html>. Acesso em: 26 abr. 2010.

BRACHT, V. Esporte, história e cultura. In: PRONI, M. W.; LUCENA, R. (Org.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas: Autores Associados : CBCE, 2002.

BRASIL. Casa Civil. **Decreto nº 6.280, de 3 de dezembro de 2007**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6280.htm>. Acesso em: 12 mar. 2010.

_____. **Decreto Presidencial não numerado de 18 de julho de 2007**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/DNN/2003/Dnn9935.htm>. Acesso em: 30 mar.2010.

BRASIL. Tribunal de Contas da União (TCU). **Acórdão 1320/2009**. Brasília, 2009. Disponível em:<[https://contas.tcu.gov.br/portaltextual/MostraDocumento?doc=1&p=0&lnk=%281320/2009%20e%20plenario%29\[idtd\]\[b001\]&templ=default](https://contas.tcu.gov.br/portaltextual/MostraDocumento?doc=1&p=0&lnk=%281320/2009%20e%20plenario%29[idtd][b001]&templ=default)>. Acesso em: 23 abr. 2010.

_____. **Relatório Pan.** Brasília, 2008. Disponível em:
<http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/pesquisa_avancada. Acesso em: 23 abr. 2010.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil:** a história que não se conta. Campinas: Papirus, 2006.

CO-RIO. Legados e recomendações. In: _____. **Relatório Oficial dos XV Jogos Pan-americanos, III Jogos Parapan-americanos RIO 2007.** Rio de Janeiro: CO-RIO, [2007?], p. 212-267. Disponível em: <http://www.timebrasil.com.br/sobre_cob/documentos_rio2007.asp>. Acesso em: 03 mar. 2010.

DACOSTA, L. P. et al. **Legado dos megaeventos esportivos.** Brasília: Ministério do Esporte: Confef, 2008. Disponível em:
<<http://www.confef.org.br/arquivos/legados/Livro.Legados.de.Megaeventos.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2010.

EID, T. Infraestrutura brasileira precisa de R\$ 160 bi por ano. Estudos Avançados, São Paulo, 20 abr. 2010. Disponível em:
<http://www.fiesp.com.br/agencianoticias/2010/04/20/infraestrutura_brasil_precisa_160bi_ano.nt>
> Acesso em: 23 abr. 2010.

GURGEL, A. A Construção do legado dos jogos pan-americanos Rio 2007 na imprensa e a formação de um conceito midiático para megaeventos no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal. **Anais...** Natal: Intercom : Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1874-1.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2010.

_____. Dos jogos pan-americanos Rio 2007 à olimpíada Rio 2016: a construção de um conceito de legado dos megaeventos esportivos no Brasil. **Revista de Economia & Relações Internacionais**, São Paulo, v. 8, n.16, p. 19-36, 2010. Disponível em: <http://www.fAAP.br/faculdades/economia/ciencias_economicas/pdf/revista_economia_16.pdf>. Acesso em: 20 maio 2010.

HIRATA, E; PILATTI, L. A. Modernidade e a indústria do entretenimento: o produto esporte moderno. **Revista Digital: efdeportes**, Buenos Aires, v. 11, n. 104, jan. 2007. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd104/esporte-moderno.htm>>. Acesso em: 01 mar. 2010.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MORAGAS, M.; BOTELLA, M. (Ed.). **Las claves del êxito**: impactos sociales, deportivos, económicos y comunicativos de Barcelona'92. Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona, 1996.

POYNTER, G. **Estudos urbanos**: de Pequim a bow bells. Disponível em: <http://www.confef.org.br/arquivos/texto_introducao_seminario_megaeventos.pdf>. Acesso em: 30 maio 2008.

PRONI, M. W. Brohm e a organização capitalista do esporte. In: PRONI, M. W. ; LUCENA, R. (Orgs.) **Esporte**: história e sociedade. Campinas: Autores Associados: CBCE, 2002. p.31-61.

PRONI, M. W.; LUCENA, R. (Orgs.). **Esporte**: história e sociedade. Campinas: Autores Associados: CBCE, 2002.

PRONI, M. W.; ARAUJO, S. A.; AMORIM, R. L. C. Leitura econômica dos jogos olímpicos: financiamento, organização e resultados. Rio de Janeiro: IPEA, 2008. Disponível em: <http://desafios.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/tds/td_1356.pdf>. Acesso em: 04 jun.2010.

RAEDER, S. T. O. Jogos e cidades: ordenamento territorial urbano em grandes eventos esportivos. In: BRASIL. Ministério do Esporte. **Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social**: Coletânea de premiados de 2008. Brasília, 2009. p. 65-78.

_____. Desenvolvimento urbano em sedes de megaeventos esportivos. In: RODRIGUES, R. P. et al. **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008. p. 201-210. v.1.

_____. **O jogo das cidades**: impactos e legados territoriais indutores do desenvolvimento urbanos em sedes de megaeventos esportivos. Disponível em www.egal2009.easyplanners.info/area05/5464_Raeder_Savio.doc. Acesso em: 04 maio 2010.

RIBEIRO, F. T. **Legado de megaeventos esportivos sustentáveis**: A Importância das Instalações Esportivas. In: RODRIGUES, R. P. et al. **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008. p. 107-116. v. 1.

ROYER, J. Pesquisas sobre o significado humano do desporto e dos tempos livres e problemas da história da Educação Física. In: _____. Desporto e desenvolvimento humano. Lisboa: Seara Nova, 1977.

SANTOS, D. S. dos; SANTOS, G. F.; MEDEIROS, A. G. A. Impactos econômicos das obras de infra-estrutura dos Jogos Pan-Americanos do Rio 2007 em narrativas de mídia impressa. **Revista Digital**: efdeportes, Buenos Aires, v. 14, n. 137, out. 2009. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd137/jogos-pan-americanos-do-rio-2007.htm>. Acesso em: 01 mar. 2010.

SCHAFF, A. **A sociedade informática**: as conseqüências sociais da segunda revolução industrial. São Paulo: Ed. da UNESP: Brasiliense, 1990.

_____. **História e verdade**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SERRA, L. M. Urbanismo: los juegos de la ciudad. In: MORAGAS, M.; BOTELLA, M. (Ed.). **Lãs claves del êxito**: impactos sociales, deportivos, econômicos y comunicativos de Barcelona'92. Barcelona: Universidade Autônoma de Barcelona, 1996. p. 232-249.

SOUSA, D. P. de; PELEGRINI, T. Esporte-espetáculo e capitalismo: uma reflexão sobre as contribuições do fenômeno esportivo para a manutenção do metabolismo do capital. **Revista Digital**: efdeportes, Buenos Aires, v. 13, n. 127, out. 2008. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd127/esporte-espetaculo-e-capitalismo.htm>>. Acesso em: 05 jul. 2010.

THE MATRIX. Produção de Andy Wachowski e Larry Wachowski. Los Angeles: Warner Bross, 1999. 136 minutos.

TUBINO, M. J. G.; GARRIDO, F. A. C. **Dicionário enciclopédico Tubino do esporte**. Rio de Janeiro: Ed. SENAC, 2007.

ANEXOS

ANEXO A

REPORTAGEM: POLÍTICOS QUEREM QUE LEGADO DO PAN DÊ LUGAR A SHOPPING E SHOWS.

O clima é de fim de feira no Rio após o Pan-Americano, mas, pelos projetos dos governantes locais, parte dos cenários que viram a campanha recordista do Brasil vai virar palco de outras feiras, se transformando em shopping, centro de convenções, hotel ou casa de shows.

O governador do Rio, Sérgio Cabral, já apresentou o projeto de demolir o tradicional parque Julio Delamare, que recebeu as partidas de pólo aquático. A idéia também colocaria abaixo o estádio de atletismo Célio de Barros - ambos fazem parte do Complexo do Maracanã, como o ginásio Maracanãzinho. "Esses espaços não são tombados e podem ser convertidos em equipamentos que completariam o Maracanã, como estacionamento, shopping e outros", disse o mandatário fluminense, ao apresentar a idéia para a empresa que reconstruiu o estádio de Wembley, na Inglaterra.

Apesar da revolta dos dirigentes de atletismo e natação, Cabral está mais preocupado com a perspectiva de o Brasil sediar a Copa do Mundo de futebol de 2014. A pista do Célio de Barros é local de treinamento de 150 atletas, enquanto as piscinas do Julio Delamare são utilizadas em programas de inclusão esportiva e formação de base de nadadores.

O prefeito carioca, César Maia, apoiou a iniciativa do governador, enfatizando que só o Maracanã é tombado pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). "O importante é o funcionamento do Maracanã, com seus Fla-Flus", afirmou o prefeito, mostrando que, mesmo com o Pan recém-acabado, a cultura futebolística é a que predomina para o político. O Estádio de Remo, situado na lagoa Rodrigo de Freitas, é outro alvo dos governantes. Já no projeto inicial, o local teria um shopping, mas a obra foi parcialmente embargada após ação civil.

A idéia é fazer um "espaço cultural", com cinemas, restaurantes e estacionamento. Os moradores da vizinhança não querem uma construção tampando a vista para o cartão postal carioca. O governador disse que o legado para os remadores são as raias e os barcos, mas vai insistir para ter a "área de entretenimento" por lá. Para o Pan, parte das

arquibancadas foram construídas com tubulações provisórias no terreno que vive a briga judicial. Já César Maia quer transformar outras construções feitas para esportes bem específicos em "locais mais rentáveis".

Sua proposta é fazer do parque aquático Maria Lenk um local para jogos de tênis e espetáculos musicais. "Estamos pensando em criar uma base para que sejam disputados jogos de tênis, além de shows. A natação não é rentável", sentenciou o prefeito, esquecendo que logo ao lado se situa a Arena Multiuso, usada para a ginástica e o basquete no Pan, que pode facilmente ser convertida em local para apresentações musicais. Somadas as idéias de Maia e Cabral, o Rio vai ficar sem nenhuma das piscinas que viram a natação, o pólo, o salto ornamental e o nado sincronizado ganharem medalhas para o país.

O prefeito, porém, tem também outra idéia para o Velódromo, construído próximo ali em área que correspondia ao autódromo de Jacarepaguá. Mesmo com o déficit de locais especializados em receber eventos de ciclismo no país e com o detalhamento dos materiais que foram importados para receber o evento das bicicletas (o piso é de pinho da Sibéria), a prefeitura do Rio quer aumentar a capacidade de público e fazer um tratamento acústico para transformar o local em casa de shows.

Pelas pranchetas dos governantes do Rio, saem os atletas das arenas do Pan e entram os artistas, os consumidores de shopping ou os executivos em congressos - como vai acontecer no Riocentro, centro de convenções que abrigou dez modalidades do Pan, além dos centros de imprensa e TV montados para a competição. Até o final do ano, local vai abrigar uma feira de veterinária, além da Bienal do Livro. Saem os medalhistas, entram os cães e gatos.

ANEXO B

REPORTAGEM: LAMACENTO E IMPROVISADO, BEISEBOL MOSTRA O PAN QUE DEU ERRADO.

"Porque não fizeram uma sub-sede em São Paulo, que tem bons estádios?", pergunta o dirigente mexicano Roberto Galán. "É só barro aqui. Como constroem um campo em um terreno pantanoso?", questiona o jogador nicaragüense Jorge Luiz Avellan. "Sou profissional, como arriscar meu joelho nessa lama? Porque não planejaram melhor?", se admira o dominicano Gerônimo Berroa, que já jogou nas Grandes Ligas dos EUA, pelo Oakland.

Só o descaso explica a tentativa de sediar o beisebol na Cidade do Rock, famigerada pelos shows lamacentos. O esporte dos bastões foi, de longe, o mais mal-tratado dentro de um Pan que se imagina como ensaio para uma futura Olimpíada carioca. A lista de problemas é interminável e geraram atrasos que irritaram os apaixonados torcedores e as equipes estrangeiras -os EUA ameaçam abandonar o torneio porque têm amistosos na China a partir do fim-de-semana. A falta de iluminação adiou um dia. Uma chuva fraca atrasou em outro dia, afinal, o local não tem drenagem nenhuma. Nuvens carregadas nesta quarta ameaçavam novo adiamento. "Isso aqui vai feder", afirmou um dirigente brasileiro que preferiu não se identificar.

A garoa fina, contudo, livrou a barra para a organização. A estrutura do local (provisória e desmontável) é toda ruim. Já seis pessoas se machucaram com boladas pela falta de um alambrado de proteção. O curioso é que a música-tema do filme "Tubarão" toca no sistema de som do estádio, dando um clima de terror para os espectadores. O placar eletrônico, os computadores e os monitores de TV só funcionaram no terceiro dia do torneio. O barro cerca as instalações. A sucessão de atrasos criou um caos de ingressos, com torcedores brigando com voluntários e gritaria nas bilheterias. Com qualquer ventania, a frágil cobertura da tribuna de imprensa ameaça voar como fez antes da competição começar.

O revelador é que a federação cubana ofereceu assessoria para o comitê organizador, que afirmou meses atrás não precisar da ajuda. Com os microfones ligados, os dirigentes brasileiros de beisebol são diplomáticos, temendo represálias do COB (Comitê Olímpico Brasileiro), cuja estrutura se mimetiza com o comitê organizador dos Jogos (Co-Rio). Mas, com as câmeras desligadas, eles tem um só adjetivo para o local: "horrível".

Quem mais sofreu, porém, foram os torcedores, muitos vindos de São Paulo ou cariocas paramentados com bonés e camisas de times norte-americanos. Eles levaram luvas do esporte para poder pegar as bolas perdidas, mas entraram em outras perdas, como a falta de lanchonete no local e a confusão na bilheteria. "Imprensa, imprensa" e "a porrada vai cantar" era algum dos protestos dos torcedores barradas na entrada do jogo desta quarta entre Brasil e EUA. "Só posso pedir desculpas aos torcedores. Muitos amigos meus vieram na terça de avião de São Paulo para ver o jogo que foi adiado. Até desliguei meu celular de tanta reclamação", confessou Jorge Otsuka, presidente da Confederação Brasileira de Beisebol.

"Foi falta de informação na construção do campo que nos levou a essa situação", se justifica. Sobre o porquê de São Paulo não ser sub-sede, ele diz que "a questão foi política".

ANEXO C

REPORTAGEM: TCU CRITICA GASTOS E COBRA EXPLICAÇÕES SOBRE O PAN.

O Tribunal de Contas da União (TCU) divulgou nesta quarta-feira o relatório final de acompanhamento dos Jogos Pan-Americanos do Rio. Em seu parecer, o ministro Marcos Vinicius Vilaça, relator do documento, critica as falhas no processo de organização que acarretaram o aumento exagerado nos custos com o evento e cobra esclarecimentos do Ministério do Esporte e dos patrocinadores.

Levantamentos iniciais das Unidades Técnicas do Tribunal estimam em R\$ 3,3 bilhões o valor gasto pelos três governos com os Jogos. Durante os quatro anos que o TCU acompanhou o Programa Rumo ao Pan foram abertos 35 processos específicos para apuração de irregularidades.

O relatório apresentado nesta quarta não encerra as questões. Nele, Vilaça deu seu aval e autorizou a Unidade Técnica a abrir os processos necessários para investigar os pontos que julgar necessários e qualquer possível irregularidade.

Com base na análise atual, o Tribunal deu 30 dias ao Ministério para apresentar detalhes sobre o contrato de supervisão e fiscalização das obras no Complexo de Deodoro, além da prestação de contas para a reforma e adaptação do Complexo Esportivo do Maracanã, construção do Parque Aquático, aquisição e montagem da pista do Velódromo e obras de infraestrutura da Vila Pan-Americana.

O Convênio com a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro também ficou na mira e o Ministério tem o mesmo prazo para fornecer informações sobre a resolução das pendências quanto à prestação de contas parcial do governo municipal. O relatório destaca que até o momento não houve comprovação da "boa e regular aplicação dos recursos", o que levou a não-liberação da terceira parcela prevista, no valor de R\$ 13.248 milhões.

Já os patrocinadores têm 15 dias para encaminhar ao Tribunal informações relativas aos valores, à fonte de recursos e fundamentação legal para o patrocínio. Na apresentação de seu voto, Vilaça esclarece que o julgamento de gestores, a imputação de responsabilidades pessoais ou a investigação de fatos não compete ao Tribunal de Contas, mas que tudo isto será objeto de etapas posteriores, a partir de elementos que ainda precisam ser fornecidos pelos responsáveis.

O documento de 143 páginas relaciona gastos específicos que merecem atenção especial. Um deles diz respeito à hospedagem na Vila Pan-Americana. Pelos cálculos da Unidade Técnica do TCU, cada atleta custou ao Poder Público R\$ 1.137,00 por dia entre aluguel de apartamento, hotelaria e despesas de acomodação. "A quantia é muito superior ao cobrado por bons hotéis do Rio", disse.

Como comparativo, o valor médio pago no Othon, Windsor Barra e Royalty Barra para os membros dos comitês olímpicos foi de R\$ 600,00 por dia, com pensão completa.

Mistério mantido até hoje pela organização, a arrecadação de recursos para o Pan e Parapan-Americano também foi solicitada para a análise das receitas obtidas e utilizadas como fonte de custeio dos Jogos em comparação com o aporte final de recursos privados e das três esferas de governo. No caso específico dos recursos federais, a estimativa inicial de R\$ 95 milhões de aporte saltou para cerca de R\$ 1,8 bilhão, representando cerca de 1.589% de "inflação".

Em termos de participação nos gastos, a União passou de uma estimativa de 24% em 2001 para 50% em fevereiro de 2007. Já a iniciativa privada, que colaboraria com cerca de 30% no projeto original, desapareceu no fechamento das contas. A Prefeitura reduziu sua parcela de 42% para 33%, enquanto o Governo Estadual também teve que aumentar sua parcela de contribuição.

Apesar de não buscar culpados no momento, o TCU destaca expressamente que os pontos críticos identificados podem ser resumidos na "incapacidade dos agentes envolvidos de prever, antecipadamente e de forma realista, os dispêndios necessários à realização de empreendimentos desta vanguarda" e não poupa críticas à atuação dos responsáveis pelo gerenciamento do Programa.

Classificando os projetos básicos inicialmente elaborados como deficientes, o Tribunal atribui a esta falta de organização o aumento no custo do evento. Exemplo disso foram os gastos para a finalização das obras nas instalações. Para cumprir o cronograma, o Rio teve de recorrer a turnos ininterruptos, gerando despesas com adicionais noturnos e trabalhos extras. "O planejamento deficiente agravou as condições encontradas", destaca Vilaça, que lembrou o longo tempo perdido até que todos os envolvidos na organização acertassem a distribuição de responsabilidades.

Para ele, isto permitiu que algumas partes fugissem de compromissos inicialmente assumidos, sobrecarregando a União com encargos para que os compromissos fossem honrados com a comunidade internacional. Mesmo considerando o Ministério do Esporte o maior responsável pelo planejamento precário, Vilaça co-responsabilizou o Estado, o Município e o Comitê Organizador dos Jogos (CO-Rio) pelas falhas.

O Comitê, presidido pelo presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, Carlos Arthur Nuzman, levou um puxão de orelha particular. Apesar das declarações pós-Jogos de Nuzman, afirmando que a organização do evento havia sido um sucesso, na opinião do ministro, a entidade teve "dificuldade em gerir de forma adequada os recursos públicos e em adequar-se às exigências e prazos da Lei de Licitação".

O ministro divergiu também quanto ao propalado valor do legado pan-americano. Reconhecendo a importância das instalações esportivas que ficaram para o Rio, Vilaça lembrou que algumas delas estão sub-aproveitadas, citando especificamente o Parque Aquático Maria Lenk e o Estádio João Havelange (Engenhão).

Construídos especialmente para os Jogos, eles foram alardeados como futuras praças esportivas. Contudo, o Maria Lenk só voltou a ser utilizado para a seletiva olímpica final em maio deste ano. O Engenhão, que possui uma das poucas pistas de padrão 1 pelos critérios da Associação Internacional das Federações de Atletismo (IAAF), nunca mais recebeu um evento de atletismo e só se salvou com concessão ao Botafogo.

Vilaça fez questão ainda de lembrar que a infra-estrutura urbana foi uma das áreas que obteve menos benefícios com o evento. "Nenhuma obra de relevância foi planejada ou realizada em decorrência do evento". No projeto original, a organização dos Jogos previa a construção de novas linhas do metrô e ampliação da interligação entre a região central e a Barra da Tijuca. As duas iniciativas foram abandonadas e substituídas por medidas paliativas, restritas apenas ao período dos Jogos, o que o ministro espera que não aconteça nos próximos grandes eventos. "O planejamento deve considerar como prioritárias as ações relativas à infra-estrutura de transporte, iniciando, o quanto antes, sua execução". Para o ministro, a experiência do Pan deve servir de exemplo tanto para a candidatura olímpica de 2016 quanto para a organização da Copa do Mundo de 2014. "A imagem da série de problemas sofridos nesta área (custo e planejamento) deve permanecer como lição para futuros eventos de igual natureza, a exemplo da Copa do Mundo de 2014 ou, quem sabe, a Olimpíada de 2016".